

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE PEDAGOGIA

ISABELA GARCIAS BARRETO SILVA

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO CURSO DE PEDAGOGIA: o Programa
Residência Pedagógica em Destaque

Imperatriz
2024

ISABELA GARCIAS BARRETO SILVA

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO CURSO DE PEDAGOGIA: o Programa
Residência Pedagógica em Destaque

Memorial de Formação apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Centro de Ciências de Imperatriz – CCIIm, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura

Imperatriz
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Isabela.

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO CURSO DE PEDAGOGIA: o
Programa Residência Pedagógica em Destaque / Isabela
Silva. - 2024.

67 p.

Orientador(a): Jónata Ferreira de Moura.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz-ma, 2024.

1. Memorial de Formação. 2. Residência Pedagógica. 3.
Ensino de Matemática. 4. Curso de Pedagogia. 5. . I.
Ferreira de Moura, Jónata. II. Título.

ISABELA GARCIAS BARRETO SILVA

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO CURSO DE PEDAGOGIA: o Programa
Residência Pedagógica em Destaque

Memorial de Formação apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Centro de Ciências de Imperatriz – CCIIm, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Data da defesa: 24 de Setembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof.^a Dr.^a Francisca Melo Agapito (1^a examinadora)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Me. John Jamerson da Silva Brito (2^o examinador)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Imperatriz
2024

“Dedico esta pesquisa aos meus pais, cuja imensa força foi o impulso que me permitiu seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores. Agradeço de coração.”

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e o amor com que me conduziu nos caminhos da verdade, da fé e pela sua força divina nos momentos de angústias e por estarem comigo sempre;

Aos meus pais pelo seu cuidado, carinho e incentivo e por estar comigo em todos os momentos desta caminhada;

Aos meus irmãos e cunhadas pelo apoio que me deram durante toda minha vida e não seria diferente nessa trajetória;

Ao meu orientador professor Dr. Jónata Ferreira de Moura pelos ensinamentos, orientações, pela generosidade e incentivos na minha caminhada no Programa Residência Pedagógica e na construção desse trabalho;

Aos meus amigos de curso que compartilhei minhas angústias e alegrias Marina, Milena e Crizante Almeida;

Ao querido John Jamerson por ter sido um anjo que Deus me enviou. Agradeço o carinho, paciência e encorajamento durante todo esse processo.

Aos residentes do Programa Residência Pedagógica;

Aos amigos que fiz na UFMA não só da minha turma, mas por onde passei e que contribuíram de alguma forma com a minha formação.

Aos professores da UFMA pelos ensinamentos que colaboraram com a minha trajetória e formação;

Aos professores preceptores Carlos Humberto e Lucileia Silva do Programa Residência Pedagógica- RP/2020, que me acolheu nas suas salas de aula com muita competência, generosidade, afeto e cuidado. A Universidade Federal do Maranhão e a Coordenação de Pedagogia pela acolhida durante o período de estudos e formação.

A todos, muito OBRIGADA!

Colorir

*Faltará tinta
No dia que o céu for livre
Pra todos serem o que são
Cobertos pelo sol, sem nenhum tipo de opressão
Faltará nomes
Pra descrever o mundo sem as misérias
O que sentimos, o que nos tornamos
O novo ser sem medo de viver
Faltará a falta que nos entristece
Que hoje enche o peito de vazio e fumaça
Não faltará amor, não faltará sonhos
O novo mundo se abrirá para o futuro
Onde o presente dominará o passado
E nossos corações enfim serão salvos*

Virgínia Guitzel (2015)

RESUMO

O presente texto está escrito no formato de um Memorial de Formação e tem como objetivo narrar experiências formativas no curso de pedagogia com destaque para as vivências no Programa de Residência Pedagógica (PRP) e os processos de ensino da matemática. O lócus foi no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm), durante os anos de 2017 a 2023. O referido programa tinha como temática o ensino de matemática, nesse sentido ao longo do texto são realizadas algumas reflexões em diálogo com autores que abordam sobre formação docente e modos outros de ensinar matemática. Como arcabouço teórico/metodológico utiliza-se dos estudos autobiográficos através da escrita do memorial de formação como potencialidade (auto)formativa. Conclui-se que a experiência no PRP possibilitou um processo auto(trans)formativo, alterando e permitindo para os residentes vislumbrarem outros modos de ser e constituir-se enquanto docentes. Além disso, evidencia-se o processo de modificação no entendimento dos modos de se ensinar matemática, de maneira a possibilitar processos mais acolhedores na educação.

Palavras-chave: Memorial de Formação; Residência Pedagógica; Ensino de Matemática; Curso de Pedagogia.

ABSTRACT

Keywords: Training Memorial; Pedagogical Residency; Teaching Mathematics; Pedagogy Course.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
CAPÍTULO 01 – MINHA HISTÓRIA DE VIDA: EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA E NO CURSO DE PEDAGOGIA	14
1.1 Narrando sobre minha infância	15
1.2 Trajetória escolar na educação básica	19
1.3 Meu ingresso no curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Imperatriz - CCIIm/UFMA	31
CAPÍTULO 02 – O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: DIÁLOGOS COM O ENSINO DE MATEMÁTICA	41
2.1 O Programa de Residência Pedagógica	41
2.2 O subprojeto do Programa Residência Pedagógica no Curso de Pedagogia do CCIIm: o ensino de matemática	44
2.3 Reflexões sobre as experiências formativas no Residência Pedagógica e o Ensino de Matemática	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	65

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está elaborado no formato de um Memorial de Formação, que relata minhas vivências ao longo do meu processo de desenvolvimento pessoal e profissional, e suas reverberações na minha constituição enquanto pedagoga. De maneira mais específica, tensionarei sobre as influências do Programa de Residência Pedagógica (PRP) e o ensino de matemática nesse movimento.

O interesse por este estudo surgiu quando ingressei no PRP no final de 2020. Inicialmente, senti a necessidade de registrar as atividades e ações realizadas no PRP durante a pandemia, uma situação atípica que vivenciamos, mas que foi de grande relevância para a área educacional. Outro fator que influenciou minha decisão de explorar essa temática foi um minicurso oferecido no programa sobre a escrita de memoriais, que me ajudou a compreender a importância desse processo para a formação, indo além de simplesmente narrar nossa história de vida. Ao escrever sobre nosso percurso formativo, podemos, através de análises e reflexões, entender e ressignificar eventos e acontecimentos que foram cruciais para o desenvolvimento de nossa formação pessoal e profissional.

Assim, cresceu o desejo de, além dos trabalhos realizados, motivado pelo professor orientador do PRP-Pedagogia, que sugeriu que eu compartilhasse minha experiência na regência do programa, também refletir sobre minha trajetória de vida, escolar e acadêmica, destacando os pontos mais relevantes.

Redigir um memorial de formação implica revisitar memórias em busca dos significados das experiências e eventos vividos; além disso, é um exercício de ressignificar os momentos marcantes, sejam positivos ou negativos, que de alguma maneira contribuíram para a trajetória pessoal e acadêmica do indivíduo em formação. Dessa forma, o memorial permite ao indivíduo revisitar sua trajetória de maneira reflexiva e crítica em relação ao seu processo de formação. Com isso, “Ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se” (Passeggi, 2011, p. 147).

Este memorial justifica-se por ser um trabalho que percorre e evidencia as experiências do sujeito em formação de forma reflexiva e pautada em análises sobre

aprendizagens, práticas, acontecimentos e da trajetória, levando em consideração o contexto histórico, político e sociocultural. Partindo desse pressuposto,

o memorial de formação se constitui numa autobiografia, histórica e reflexiva. Deve ser composto sob a forma de relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor (Severino, 2000, p. 175).

Nesse sentido, Severino (2000) apresenta o memorial sob uma perspectiva histórica: um relato analítico e crítico, com reflexões que abrangem os fatos e eventos que moldaram a trajetória pessoal, acadêmica e profissional, visando à construção da autobiografia do autor. O memorial de formação é um gênero que nos leva ao processo de escrita autobiográfica, permitindo a compreensão e a conscientização do processo formativo ao relatar aspectos significativos da nossa trajetória, ressignificando essas experiências tanto para nós mesmos quanto para pesquisas educacionais.

Dessa forma, estabeleço como objetivo geral *narrar minhas experiências formativas no curso de pedagogia com destaque para as vivências no programa Residência Pedagógica e os processos de ensino da matemática*, analisando as minhas experiências (auto)formativas vivenciadas durante o curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão (CCIm/UFMA), e refletir sobre como essas vivências contribuíram para a construção da minha identidade como docente.

Diante disso, para auxiliar na construção narrativa e escrita do objetivo geral da pesquisa, estabeleci como objetivos específicos: *a) narrar minha história de vida, formação escolar e acadêmica; b) problematizar minhas experiências formativas no curso de Pedagogia com destaque para o Programa de Residência Pedagógica; c) refletir sobre o impacto/influência das minhas experiências formativas no curso de Pedagogia com destaque para o Programa de Residência Pedagógica na minha formação docente.*

A metodologia desse texto pauta-se na escrita do Memorial de Formação, com base na narrativa autobiográfica, que permitiu com que revisitasse minha própria trajetória e refletisse sobre as aprendizagens formativas adquiridas ao longo do curso de Pedagogia.

Para melhor apresentação do texto, este trabalho está organizado em dois capítulos, uma seção de considerações finais e esta seção inicial. No primeiro, faço um breve relato sobre minhas memórias, lembrando minha trajetória de vida, escolar e acadêmica, conectada a reflexões sobre os conceitos de autoformação e identidade docente. No segundo capítulo relato reflito sobre minha participação no RP-Pedagogia, analisando as contribuições dele para minha formação docente e entendimento sobre o ensino de matemática. Por fim, apresento as considerações finais, com algumas reflexões sobre meu processo formativo e de escrita.

CAPÍTULO 01 – MINHA HISTÓRIA DE VIDA: EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA E NO CURSO DE PEDAGOGIA

Neste capítulo narrarei a minha história de vida, recordando fatos e experiências pessoais, familiares, escolares e acadêmicas. Apresentarei também reflexões sobre os conceitos de autoformação, que fundamentam esta pesquisa, buscando compreender o sentido que Passeggi (2011) afirma, na qual o ato de narrar a própria história possibilita à pessoa dar sentido às suas experiências e nesse percurso construir outra representação de si e reinventar-se.

Desse modo, Josso (2007) pontua que narrar a própria história permite relacionar os acontecimentos sociais e culturais aos contextos da vida profissional e social, através das nossas subjetividades exprimidas:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades exprimidas são confrontadas à sua frequente inadequação a uma compreensão liberadora de criatividade em nossos contextos em mutação (Josso, 2007, p. 414).

Diante do exposto, o processo de rememorar fatos vividos é uma jornada que nos permite crescer, aprender e transformar nossa perspectiva afim de reformular minhas subjetividades, talvez superar as dores do passado, analisar o caminho percorrido, aperfeiçoar e ressignificar minha identidade pessoal e profissional em um contexto social e coletivo. Desse modo o processo narrativo possibilita que aquele que narra possa problematizar não somente sobre si e sua história de vida, mas sobre um eu “coletivo”, que não somente é, mas está situado em uma determinada sociedade.

Entende-se que o próprio processo de narrar, tal qual pontua Josso (2007), já se configura em um processo autoformador. Entretanto, o que aponto aqui com esse texto, é o meu processo de formação escolar e acadêmico ao longo da minha

trajetória de vida enquanto movimento de auto(trans)formação e reflexão sobre os modos como fui me constituindo enquanto pessoa, e agora pedagoga.

1.1 Narrando minha infância

Narrar a própria história não é uma tarefa fácil, pois traz à tona memórias e lembranças as vezes não muito agradáveis, mas que por outro lado nos possibilitam conectar o nosso passado com o presente, avaliar e ressignificar nossa trajetória para aprimorar a nossa constituição enquanto sujeitos aprendentes.

Para escrever sobre nossas experiências e acontecimentos, precisamos de tempo e concentração para capturar os detalhes importantes de nossa formação. No entanto, ao escrever, não buscamos relatar toda a nossa vida, mas apenas as partes que consideramos relevantes. “A escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de auto escrita, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si” (Souza, 2004, p. 13).

Assim, podemos afirmar que a escrita narrativa é um tipo de discurso que permite a problematização de diversos acontecimentos, sem exigir do autor uma sequência cronológica de tempo e lugar, pois é este quem cria e a define a partir do ato de narrar. É uma oportunidade para liberar nossas memórias e deixar que os sentimentos fluam livremente, sem preocupação com a precisão dos eventos, mas focando naquilo que nos toca e nos faz reviver.

A partir das histórias, selecionamos fragmentos em vez do todo. Essas escolhas acontecem porque a memória é seletiva. Ela não registra tudo, pois depende do tempo e dos significados atribuídos às experiências. Nesse processo de narrar, a memória atua como uma poderosa ferramenta para exprimir o que vivenciamos.

Sendo assim, início falando sobre mim e um pouco da minha constituição familiar. Meu nome é Isabela Garcias Barreto Silva, nasci no dia 01 de maio de 1998, na cidade de Imperatriz no estado do Maranhão. Sou a primeira filha do casal Vagna Garcias Barreto Silva e Isaías de Jesus Silva. Tenho quatro irmãos, Gabriela, Fábio, Felipe e Erick, a maior alegria das nossas vidas foi quando eles chegaram (meus irmãos foram adotados), pois éramos só nós duas.

Imagem 1: Eu e minha irmã Gabriela no quintal da casa da nossa avó



Fonte: Acervo Pessoal (2000)

Meu pai é natural de Paulo Ramos/MA¹, mas viveu sua adolescência e juventude em Imperatriz/MA. Minha mãe nasceu em São Roberto/MA² e veio para Imperatriz também para estudar e trabalhar, após a morte do seu pai. Foi um momento difícil e dolorido para minha mãe, pois ficou responsável pelos sete irmãos e representou a figura paterna até se casar. Os irmãos eram pequenos e precisavam se alimentar e se vestir e tiveram ajuda de alguns familiares e do Sr. Francisco de Assis, que carinhosamente chamamos de padrinho.

Meus pais se conheceram em 1996 quando estudavam um curso de teologia e faziam parte do mesmo grupo de evangelismo na igreja. Nesse período minha mãe trabalhava na Escola Municipal Mariana Luz no bairro Santa Rita em Imperatriz como professora e meu pai trabalhava no bazar Ipanema, uma loja no centro da cidade.

¹ Paulo Ramos é um município brasileiro do estado do Maranhão. Era de início chamado de *Bacabinha*, pois a região fora descoberta por dois caçadores que viram um pé de bacaba em um lago, onde hoje é a praça central. A distância entre Paulo Ramos e Imperatriz é 292.77 km.

² São Roberto é um município brasileiro do estado do Maranhão. Limita-se ao Norte com o município de Esperantinópolis. A distância entre Imperatriz e São Roberto é de 280.59 km.

Imagem 2: Meus pais no cartório



Fonte: Acervo Pessoal (1997)

Se casaram em 1997, e em 1998 eu nasci. Minha mãe largou a profissão de professora, para cuidar de mim e da minha irmã mais nova que nasceu em 1999. Um ano depois meu pai recebeu uma igreja para cuidar, embarcamos nessa ideia e eu mal sabia que o desejo de ensinar viria exatamente do meu pai. Meus pais sempre foram um exemplo e uma inspiração para mim, minha mãe ensinava na escola secular³ e meu pai ensinava na escola bíblica⁴. Ele apresenta muita desenvoltura oral e argumentativa até hoje aos 56 anos, imagino que em outros tempos ele teria sido um ótimo professor se tivesse feito magistério e prosseguido na carreira docente.

O momento de escolher uma profissão é frequentemente um período de ansiedade para a maioria das pessoas, principalmente porque é uma decisão muito importante e está cercada de expectativas pessoais, familiares e sociais. Além disso, a adolescência, fase em que essa escolha geralmente ocorre, é marcada por muitas mudanças e definições que também provocam angústia nos jovens. Seja direta ou

³ A escola secular visa proporcionar uma educação abrangente que prepara os alunos para a vida adulta, o mercado de trabalho e a cidadania. Seu foco está no desenvolvimento de competências acadêmicas e habilidades práticas.

⁴ A Escola Bíblica Dominical (EBD) tem como principal objetivo a educação religiosa, focada no ensino da Bíblia, na doutrina cristã e no fortalecimento da fé dos seus participantes. É uma atividade comum em muitas igrejas cristãs, realizada geralmente aos domingos.

indiretamente, o fato é que a família influencia na tomada de decisão frente à carreira profissional de seus membros (Tessaro; Schmidt, 2017).

Em algumas situações, a escolha profissional é fortemente influenciada pelas expectativas familiares. Nesses casos, o jovem pode ou não se identificar com o que lhe foi imposto ou esperado. Essa influência pode ser tão intensa que alguns jovens acabam entrando em determinadas carreiras sem compreender claramente como chegaram a essas decisões.

Meus pais sempre foram meus grandes incentivadores, eram muito preocupados com nossa educação, íamos à escola regularmente e brincávamos. Tínhamos muita ajuda de todos, e assim fomos crescendo e fazendo projetos para o futuro. Assim como alguns professores(as) que passaram pelo meu caminho. Esse incentivo foi essencial para a minha trajetória escolar e acadêmica, pois quando trilhamos novos caminhos é porque nos inspiramos em alguém ou esse alguém acreditou no nosso potencial e nos permitiu acreditar e sonhar com outros modos de ser e existir.

Na minha família, apesar da simplicidade, nunca faltou nada, o que mais eu precisava estava ali e não tinha que pagar nada por isso: era minha liberdade, o amor, amizade, carinho e paz. Tudo era muito simples, porém acolhedor. Casa cheia, muita fartura, o que me permitia viver livremente.

Tive uma infância recheada de boas brincadeiras, ah como era gostoso brincar! Como nos mudávamos muito por causa das igrejas que meus pais pastoreavam, brinquei em várias ruas de Imperatriz. Brincávamos quase toda noite. Sempre que chegava da escola só jogava a mochila pelo muro e corríamos para a rua. Corríamos pelas ruas com outras crianças, sem a preocupação com acidentes envolvendo carros e motos, brincávamos de esconde-esconde nas construções e, à noite, ouvíamos histórias contadas pelos meus pais.

Brincávamos das 17:30 às 23:00 no meio da rua, pulando corda, elástico, brincando da mancha, cuscuz, pau na lata... E meus pais sempre aguardando na calçada a hora de entrar para dentro de casa. As brincadeiras de roda, esconde-esconde, amarelinha e outras também fizeram parte da minha infância. O simples ato de brincar, seja de casinha, peteca ou pião, me inseria no mundo infantil, na busca de encontrar significado para aquelas brincadeiras.

Sobre as brincadeiras, Vygotsky (1991, p. 73), considera “a brincadeira do faz-de-conta como um dos grandes contribuidores para o desenvolvimento da linguagem escrita – que é um sistema de simbolismo de segunda ordem.” O autor afirma que a brincadeira é essencial para o desenvolvimento infantil, destacando o faz de conta. Através dela, as crianças podem interagir com adultos e outras crianças, criar e recriar histórias, e dar novos destinos aos personagens por meio da imaginação.

Minha história de vida tem uma grande importância, tanto para o meu crescimento pessoal, como relacional e ainda profissional. Isso porque tenho entendido que meu crescimento pessoal tem forte relação com valores morais, respeito à vida, a família, às pessoas ao meu redor.

Entendo, assim como Larrosa (2002, p. 21), que “[...] experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Portanto, este memorial de formação que produzo carrega as marcas das minhas experiências, refletindo o que vivi e aconteceu durante minha trajetória acadêmica, aquilo que me fez repensar e refletir.

O memorial de formação é a escrita das próprias experiências do sujeito e escrevê-lo é fazer um exercício constante de interrogação dessas experiências para retomar não só as recordações, mas aos fatos significativos que dão sentido ao que vivencia hoje, além de ser um exercício de linguagem, onde os fatos não são alterados, mas as interpretações sim (Oliveira, 2015, p. 6).

O meu desenvolvimento acadêmico está relacionado à minha compreensão de que a educação é essencial em nossas vidas, e é em meu entendimento que por meio dela podemos alcançar nossos destinos desejados. Além disso, o meu progresso na carreira me impulsiona a perseguir os meus objetivos, sempre mantendo integridade, determinação e entusiasmo.

1.2 Trajetória escolar na educação básica

[...] Falar sobre minha vida escolar, a minha vida acadêmica é fazer uma espécie de um livro de recordações, é contar coisas boas e más de nossa experiência. É olhar para um tempo longe e trazê-lo para mais perto, é como se desse um “zoom” em momentos da nossa história [...] (Silva, 2010, p. 602).

Apresento minha trajetória escolar e acadêmica, lembrando as memórias e marcas deixadas pelo contato com a escola, profundamente enraizadas em minha formação. Considero que as marcas mais significativas surgiram das primeiras aprendizagens, especialmente do convívio direto com minha família e a natureza.

Comecei a estudar muito cedo. Meus pais diziam que eu era muito desenvolvida para a minha idade. Com um ano e meio já estava na escola. A Escolinha do Mickey⁵ foi minha primeira escola. Entrei no maternal em 2000 e saí já no 4º ano em 2006. Hoje a escola é do município e tem outro nome, mas antes era uma instituição privada. Recordo-me que a minha professora da educação infantil se chamava Raquel, tenho uma lembrança muito boa dela, era calma, meiga e doce, é tanto que mesmo depois de muito tempo eu ainda lembro de sua voz através das histórias que contava antes de iniciar as aulas. Lembro com muita exatidão pois ela me acompanhou durante todos os anos que estive na escola até na minha formatura do ABC.

Ela gostava de me ouvir cantar e me colocava para participar dos projetos que a escola desenvolvia. Participei de concursos para recitar poesias e no Dia do Folclore ela me pintou de tinta guache preta para ser o saci-pererê, meus pais recordam desse momento e é sempre motivo de muita risada. Acredito que o jeito dela de me incentivar fez com quem eu desejasse ser tão boa professora como ela.

⁵ A escolinha do Mickey ficava localizada na Avenida Industrial no bairro Santa Rita.

Imagem 3: À esquerda minha primeira professora, à direita meus pais prestigiando minha formatura do ABC



Fonte: Acervo Pessoal (2004)

Durante a fase de alfabetização, enfrentei algumas experiências desafiadoras. Por ser neta e filha de professora, a exigência de ser a melhor da turma me frustrou durante anos. Minha mãe sempre foi exigente ao me ajudar nas tarefas escolares em casa, e eu lutava para melhorar minha caligrafia e até para segurar o lápis. Algumas cobranças da minha mãe me ajudaram a superar dificuldades, mas por outro lado me deixava triste e acabava internalizando que eu era incapaz. Entendo que ela não tinha ciência do quanto isso era prejudicial para o meu autoconceito e não a julgo, acredito que ela queria o melhor para mim.

O método de ensino naquela época seguia uma abordagem tradicional, sem muitos recursos e apenas com o livro didático sendo a principal fonte de aprendizado. No ensino fundamental lembro-me com clareza da turma toda recitando em uma só voz e bem alto as vogais de trás para frente e de frente para trás, seguido pelos nomes das letras do alfabeto e dos números. Esse processo envolveu muitas repetições, tanto faladas quanto escritas.

Passávamos horas escrevendo o alfabeto nas folhas do caderno para memorizar, caso errássemos teria que voltar do início. “A pedagogia tradicional é uma proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria” (Brasil, 1997, p. 30). O

ensino tradicional dá mais ênfase à diversidade e quantidade de noções, conceitos e informações, em vez de focar no desenvolvimento do pensamento crítico e questionador dos alunos.

Embora o ensino tradicional tenha sido considerado obsoleto desde as décadas de 1960 e 1970, ainda hoje é comum encontrar escolas que o adotam, acreditando que isso proporciona uma melhor valorização do conhecimento adquirido pelos alunos e ao mesmo tempo proporciona uma ideia de controle, domínio e efetivação da educação.

A disciplina que deixou uma marca mais forte em mim foi a matemática. Posso dizer que foi o meu ponto fraco nos anos finais do ensino fundamental. Enfrentei muitas dificuldades para aprender, especialmente porque o professor era bastante rígido. A tabuada era um tema constante, com muitas operações matemáticas no quadro envolvendo adição, subtração, multiplicação e divisão. Os exercícios eram diários e bastante repetitivos. Eu não era tão boa na disciplina, mas me destacava em outras, como português e história. Sobre essa dificuldade com a matemática, concordo com o autor ao apontar que,

O aluno sente medo da sua dificuldade e vergonha por não aprendê-la. Como resultado de tantos sentimentos ruins que esta disciplina proporciona ao aluno, somado ao bloqueio em não dominar sua linguagem e não ter acesso ao seu conhecimento vem o sentimento de ódio pela matemática. Ódio, porque ela é difícil (Nóbrega, 2014, p. 8).

Para nós estudantes, a beleza da matemática se perde na sala de aula porque muitas vezes não conseguimos compreendê-la, tornando assim a disciplina um verdadeiro "bicho de sete cabeças". Lembro-me de que meus pais compravam a cartilha do ABC e a tabuada junto com o material didático. Durante as aulas, os professores pediam os alunos para ler o ABC e a tabuada. Se os alunos não soubessem as respostas corretas, eram punidos, por exemplo, não podiam ir ao recreio ou tinham que escrever o alfabeto repetidamente até memorizar cada letra.

Da mesma forma, com a matemática, era obrigatório decorar todas aquelas tabelas de números que pareciam não fazer sentido. Segundo Moura (2019), no que diz respeito à cultura de ensino da matemática nas escolas utilizando ou incluindo a tabuada, muitas pesquisas brasileiras indicam que, "historicamente, o uso desse

artefato escolar foi sendo modificado conforme surgiam as abordagens do processo de ensino e aprendizagem ou as tendências pedagógicas” (Moura, 2019, p. 148), ou seja, esses processos foram se modificando com os avanços históricos e sociais. Assim,

Ao longo do tempo, o ensino da tabuada assume um caráter de forte memorização até mesmo precoce, para depois ser associado ao uso de jogos, brincadeiras, músicas, parlendas, trava-língua, entre outros recursos didáticos idealizados como envolventes e lúdicos, amenizando o sofrível processo de memorização (Moura, 2019, p. 148).

Por causa disso, o maior impacto que tive em relação às aprendizagens foi o medo de me expressar, muitas vezes guardando dúvidas que poderiam ser esclarecidas. Mas, acredito que o professor também encontra dificuldade em atrair o interesse dos alunos, que muitas vezes já chegam à escola com a ideia preconcebida da dificuldade da matemática. Entender que, embora a matemática em sala de aula possa limitar as possibilidades de interpretação e leitura de seus textos, ela também oferece diversos caminhos para se chegar a um resultado, permitindo ao estudante criatividade durante a resolução. Reconhecer onde a disciplina restringe e onde amplia a capacidade de especulação dos alunos facilita o trabalho do professor, que pode, através do diálogo, alcançar um melhor entendimento com eles.

Contudo, sabemos que a formação do conhecimento está em certa parte intrinsecamente ligada à abordagem do professor durante a exposição da disciplina, sendo este um dos principais fatores desse processo de aprendizado. Apesar dos esforços do meu professor e o meu também, era evidente o meu fracasso na disciplina de matemática. Seria correto afirmar que esse fracasso é mais proeminente na área da matemática?!

Sempre gostei de me expressar através de textos, falando não sou tão boa. Me expresso também através da música, canto desde os dois anos, mas falar mesmo, não sei. Quem me ouve falando ou cantando nem imagina que sou assim. E isso foi um grande impasse ainda no fundamental. A minha esperteza estava em fazer os trabalhos. Na hora de apresentar eu segurava os cartazes. Dificilmente ficava com uma boa nota, mesmo fazendo cartazes criativos e perfeitos. O que valia para os professores era a forma de apresentar, a expressão e a desenvoltura.

Na UFMA foi bem parecido, não tínhamos cartazes, mas fazíamos slides. Sempre me atrapalhava ao apresentar os trabalhos, o nervosismo era imenso e a insegurança sempre tomou de conta de mim. O medo de ser avaliada pelos professores e até mesmo os olhares de reprovação dos meus colegas me deixava ansiosa. O medo foi se esvaindo nas primeiras semanas sendo bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola Municipal Tocantins⁶. Vi-me com 28 alunos numa salinha que não comportava todos para desenvolver projetos de leitura e escrita. Ministrei uma aula pela primeira vez! Me sentia viva e ao mesmo tempo com o coração saindo do corpo. Mais uma vez enfrentando um dos maiores desafios da minha vida.

Em relação a essas dificuldades de apresentar trabalhos e me expor oralmente, recordo-me de um episódio em sala de aula. No 5º ano tive uma professora que me fez repensar toda a minha vida. Estávamos em uma de suas aulas e era apresentação de trabalho. Como de costume fiz o trabalho na cartolina e era para ser apresentado individualmente. Comecei a me tremer no dia que foi passado o trabalho, mas me “vesti de coragem” e fui à frente da sala apresentar. Ao chegar na frente simplesmente não consegui apresentar, falei tudo errado, chorei e corri para o banheiro. Tentei me recompor e voltei para a sala. Ela passou um sermão, reclamou do meu trabalho, todos da sala riram, ela não me deu nota e voltei para casa em prantos.

Desde esse dia, não existe uma vez na vida que eu vá apresentar algo que eu não me sinta envergonhada. Até hoje carrego comigo traumas da exposição que sofri, apesar de tanto tempo. Evito me expressar para não ser chamada atenção. Sei que os tempos são outros e a forma de educar também, mas essa lembrança ainda é tão forte que parece que foi ontem, e olha que já se passaram mais de 10 anos, ela está circunscrita em mim, como uma cicatriz. Evito me expor para não ser chamada atenção, não gosto, não me faz bem, sinto-me exposta.

Acredito que nem ela mesmo sabe o que me causou. São problemas internos que luto até hoje. Crianças não tinha o direito de se expressar como faço hoje com os meus alunos, por isso ela não sabe o que fez e de como aquilo me afetou. Mas a perdoo pelos danos causados à minha autoestima e ao meu desenvolvimento

⁶ Mais adiante nesse capítulo, abordarei com maiores detalhes essas experiências no referido programa.

pessoal e profissional. De certa forma isso acabou influenciando nas minhas primeiras impressões sobre a profissão docente, mas uma professora do ensino fundamental me trouxe as melhores referências da profissão, contrapondo a essa ideia que eu construí.

No 6º ano no Centro de Ensino Estado de Goiás⁷ conheci um anjo, alguém que foi essencial na minha vida pessoal e escolar – uma professora chamada Ana Carolina, chamada carinhosamente de “Tia Carol”. Ela utilizava uma didática muito especial que fez com que eu me apaixonasse ainda mais pela Língua Portuguesa, pois amava ensinar. Acredito que o diferencial estava na forma dela de avaliar a turma. Ser avaliada sempre foi minha maior insegurança, mas com todo carinho e atenção éramos avaliados no todo e não era a nota da prova que nos definia, até porque não fazíamos provas. A única disciplina que a nota estava no fazer, produzir e experimentar, no processo em si.

A partir daí comecei a me destacar na disciplina que ela ministrava – Português – fazendo com que eu tirasse dez em praticamente todas as provas dessas disciplinas da 6ª série até o 3º ano do ensino médio, e isso me ajudou muito a melhorar a autoestima e o meu autoconceito.

A Tia Carol era apaixonada por clássicos da literatura brasileira como “Dom Casmurro” de Machado de Assis, “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa e “Macunaíma” de Mário de Andrade. A paixão era tão grande que a cada bimestre a turma era dividida em grupos para apresentação de uma peça teatral sobre cada um dos livros. Ela nos dava liberdade para escolher como apresentar. Lembro-me que meu grupo foi sorteado com o livro Macunaíma de Mário de Andrade. Recriamos o filme de Macunaíma inteirinho. Passamos meses gravando as cenas com um celularzinho sem muita memória.

Éramos cinco colegas na gravação eu, Franciara, Gabriela, Luiz e Rebeca cada um tinha um papel a desenvolver na dramaturgia. Como a ideia era recriar, eu fui Macunaíma, o personagem principal. As cenas foram gravadas enfrente o templo central da assembleia de Deus e foi muito divertido. Quando alguém passava e gritava me escondia na hora ou fingia que nada estava acontecendo. Mas esse

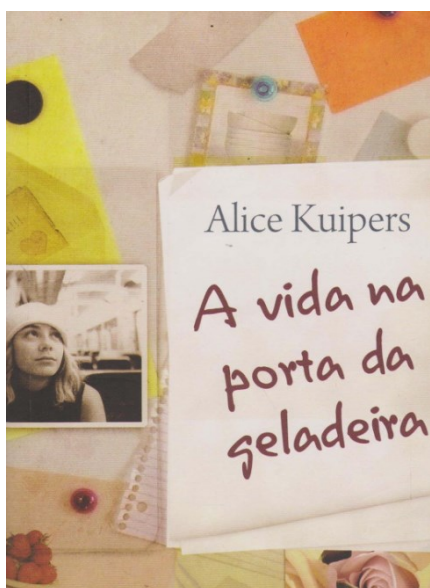
⁷ O Centro de Ensino Estado de Goiás está localizado na Avenida Dorgival Pinheiro de Sousa no centro da cidade de Imperatriz/MA.

momento nos aproximou muito! Eles se tornaram os meus melhores amigos e fomos juntos até o terceiro ano do ensino médio.

Nesse curto espaço de tempo a tia Carol foi me conhecendo um pouco mais. Ela sabia da minha insegurança ao me expressar em público, mas apostava em mim todas as cartas dela. Além da relação professora e aluna, tínhamos uma relação de amigas mesmo. Me sentia uma irmã mais nova dela. Conversávamos muito sobre música, ela gostava de cantar e eu também. Como sempre tive aptidão pela escrita, pois na minha casa sempre vi minha mãe datilografar, a professora sempre me ofertava livros. Me convidava a ir à biblioteca da escola nos intervalos e selecionávamos livros juntas. Um dia ela me entregou um livro com uma capa amarelinha. Disse que lembrou de mim quando leu.

O livro conta a história de Claire de 15 anos e sua mãe, que têm uma rotina muito atribulada. Nos raros momentos em que a mãe está em casa, pois é obstetra, a filha está na escola com amigos ou com o namorado. No fim as duas quase não se veem e se comunicam deixando recados na porta da geladeira. Esses recados vão desde cobranças banais como “Olá, bom dia mãe” até revelações tocantes e contundentes por parte de mãe e da filha durante o penoso tratamento do câncer de mama da mãe. O livro faz a gente repensar a necessidade de encontrarmos tempo para as pessoas que amamos, mesmo em momentos de dificuldades e desafios.

Imagem 4: Capa do livro A Vida na porta da geladeira de Alice Kuipers



Fonte: Google Imagens (2024)

O livro “A vida na porta da Geladeira” foi o livro que marcou a minha vida. Por anos foi o meu livro preferido. Sempre que me perguntavam qual o meu livro favorito eu respondia que era ele sem titubear. Me vi em cada página do livro. A tia Carol sabia que eu iria me apaixonar pelo livrinho. Foi amor à primeira leitura. Ela deu um jeito de conversar com a diretora para me presentear com o livro. Tiramos ele da biblioteca e ele passou a ser meu.

Entre idas e vindas da biblioteca – na época era uma espécie de empréstimo, assinávamos o nome num livro ata e o prazo para leitura era de apenas uma semana. Nesses encontros achamos o livro “A marca de uma lágrima”. O livro nada mais é que um romance adolescente. O enredo do livro gira em torno de Isabel, uma jovem tímida e sensível que se apaixona por Cristiano, um colega de escola. No entanto, Cristiano está apaixonado por Rosana, uma garota popular e extrovertida. Isabel decide então escrever uma carta para Cristiano, revelando seus sentimentos por ele, mas pedindo que ele não a leia e a destrua.

Imagem 5: Capa do livro A marca de uma lágrima de Pedro Bandeira



Fonte: Google Imagens (2024)

A professora Carol me ensinou a ter paixão pela literatura. Ela sabia que eu tinha paixão por cartas e vez ou outra fazia questão de trazer livros até mesmo da casa dela para eu ler que envolviam tal temática. Ela me dizia que a leitura abria portas inimagináveis e que eu teria um futuro brilhante. Mal sabia ela que no fim eu também seria professora e que ela seria uma das minhas maiores inspirações para isso.

Ao longo da minha trajetória escolar nos anos iniciais do fundamental, não havia desenvolvido o hábito da leitura, seja em casa ou na escola. Por mais que a professora pegasse o livro para ler para a turma, ela não disponibilizava para os alunos terem contado direto. Nós apenas ouvíamos as histórias. Essa falta me prejudicou consideravelmente na universidade, onde a interpretação de textos era frequentemente exigida. Por isso, tive que me esforçar muito mais para estar aqui hoje, compartilhando com outras pessoas minhas angústias e superações através dessa escrita. Assim, acredito ser fundamental que as escolas incentivem a leitura desde cedo, seja para prazer ou de qualquer outro gênero textual, pois isso contribui para formar cidadãos criativos e críticos.

Não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira estratégia e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mais certamente não se formarão leitores competentes (Brasil, 1998, p. 42).

Ao discutir a formação de bons leitores e o aprendizado inicial da leitura, temos que buscar ir além da visão tradicional de leitura, como ato de decodificação de letras em sons – a decodificação das palavras. Com esse objetivo, destaco a importância de envolver os alunos em práticas de leitura comuns entre bons leitores, que conseguem prever, fazer inferências e checar suas próprias suposições sobre o texto e seu significado anteriormente atribuído.

Já no terceiro ano do ensino médio, a escola promovia oficinas de redação para incentivar e conscientizar os alunos sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Era um ano decisivo na minha vida, afinal, queria sair do ensino médio direto para a faculdade. Na época não tínhamos escolha. Éramos obrigados a participar. A turma toda participou e com êxito ganhamos medalhas e certificados.

Passamos de fevereiro a junho aprendendo tudo sobre redação, ensinados pela Tia Carol. No último dia de aula para entrar nas férias do meio do ano, ela propôs que cada aluno fizesse uma redação por dia nas férias. Como a amávamos não reclamamos, aceitamos e entramos com tudo. Ao voltarmos em agosto, cada um de nós tínhamos trinta redações. Ela corrigia duas redações por aula. Discutíamos como fulano deveria ter feito a problematização e gerava um alvoroço na sala de aula, mas não existia uma aula melhor.

Finalizamos nosso último ano no ensino médio com uma gincana. Éramos a equipe vermelha e ganhamos. Lembro que a pontuação maior era promover uma ação social e juntamente com minha igreja levamos cestas básicas à Casa da Criança⁸. A sensação de dever cumprido tomava conta de todos nós. Nos abraçamos juntamente com a tia Carol e pudemos expressar todo o amor que sentíamos por ela.

O terceiro ano na nossa escola tinha fama de concluir o ano com alunas grávidas, alunos desistentes ou reprovados. Através de um acordo pedi a todos que fizessemos diferente. E assim foi. No último dia de aula no pátio fomos citados e chamados a frente para servir de exemplo. A maioria conseguiu ingressar na faculdade, ter um bom emprego e ainda hoje nos comunicamos por um grupo no WhatsApp intitulado Terceirão.

Em 2017, a tia Carol nos fez um convite, a maioria na universidade – inclusive eu –, para retornarmos à escola numa aula dela para conversarmos com os alunos que estavam ingressando no ensino médio no ano vigente e inspirá-los. Juntei toda a turma e fomos. Eu e outro colega já tínhamos habilitação, fomos de casa em casa pegando os nossos colegas para irmos para nossa antiga escola. Pude reviver tantos momentos lindos ao retornar. Visitamos a biblioteca, os antigos professores, a diretoria e a cantina. Foi um dos momentos mais especiais e marcantes em toda minha vida. Me emociono ao lembrar. Estava na companhia dos futuros engenheiros, psicólogos, enfermeiros, pedagogos, advogados e dentistas de Imperatriz.

Ao abraçar a professora Francelina (bibliotecária da escola) minha companheira de intervalos e vê-la falando orgulhosamente que meu nome aparecia

⁸ A Casa da Criança é um programa mantido pela Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes), e acolhe crianças encaminhadas pela Justiça ou pelo Conselho Tutelar.

com muita frequência no livro ata de empréstimos de livros da escola, fui tomada por uma emoção tão grande, que foi impossível segurar as lágrimas. Choramos, nos abraçamos mais uma vez e me despedi. Fomos lá para uma espécie de palestra. Logo eu, a pessoa que mais temia falar em público, falando para dezenas de pessoas sobre o curso que escolhi e o quanto eu era apaixonada. E a professora que me incentivou a me tornar professora. Ao encerrar minha fala lá estava ela, aplaudindo de pé o meu progresso. Na foto abaixo a professora Carol está no meio de tênis preto, saia preta e óculos.

Imagem 6: Foto com ex-estudantes numa palestra sobre o ingresso na universidade a convite da professora Carol. Da esquerda para a direita: Paulo, Roberto, Luiz, Gabriel, Márcio, Eduardo, Isabela (eu) Mariana e Gabriela



Fonte: Acervo Pessoal (2017)

Entendo que algumas situações, a vida nos permite passar para que possamos entender o nosso propósito. Assim, concluo a história da minha infância e processo de escolarização na educação básica, a qual teve grande importância para mim em diversos aspectos: pessoal, relacional e, futuramente, profissional. Percebo que meu desenvolvimento pessoal está profundamente ligado a valores morais,

respeito à vida, à família e às pessoas ao meu redor. No aspecto acadêmico, compreendo que a educação é fundamental para nossas vidas, sendo o meio pelo qual alcançamos nossos objetivos. Além disso, meu crescimento profissional me incentiva a lutar pelos meus objetivos com honestidade, determinação e coragem.

1.3 Meu ingresso no curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Imperatriz

Em 2016 movida por esperança e determinação, decidi fazer o ENEM. Para minha surpresa, obtive uma pontuação que me permitiu ingressar em um curso superior. Surgiram então as dúvidas: o que escolher? Dois cursos me interessavam: Psicologia e Direito. Infelizmente, o curso de Psicologia não era ofertado pelo CCIIm da UFMA, e minha pontuação não foi suficiente para Direito. Foi então que surgiu a Pedagogia como a única opção viável, e decidi não desperdiçar essa oportunidade. Por isso, sempre digo que não escolhi Pedagogia; ela me escolheu, naquele momento pelas circunstâncias.

Desde muito cedo comecei a dar aulas na Escola Bíblica Dominical, aos 14 anos fui incentivada pelo meu pai a ser professora da classe juniores, o quadro de professores é reduzido quando as aulas são às 8 da manhã aos domingos. Foi uma negação a primeira aula, mas na segunda me preparei com os recursos visuais e convidei meu pai para estar em sala comigo. Ele conhecia a bíblia melhor do que eu e ter esse apoio foi essencial para me sentir segura, pois qualquer falha minha ele poderia corrigir. E durante dois meses tive a visita do meu pai em todas as aulas. E quando eu menos esperei já me sentia preparada para dar aulas sozinhas. Ele sempre foi minha maior referência ao ensinar. Mas também tive influência de minha avó materna e minha mãe, tenho orgulho em dizer que sou neta e filha de professoras.

No processo de escolha profissional, sabemos que muitos fatores precisam ser considerados, como a realização pessoal, a identificação tanto pessoal quanto profissional, a remuneração, a carreira, o prestígio e o reconhecimento social, entre outros. Esses fatores são decisivos e moldados pelas experiências individuais de cada pessoa, e fazem parte de uma construção sócio-histórica, cultural e política da sociedade em que se vive. Assim, supomos que a maneira como as profissões são representadas na imaginação social e disseminadas pelos meios de comunicação

influenciam as escolhas profissionais dos jovens. Segundo Dubar (2006), a ideia de trabalho, quando analisada no contexto atual, está passando por grandes mudanças. Qualquer tipo de trabalho agora representa um desafio para o autoconhecimento, sendo um período marcado por incertezas e uma forte implicação social, exigindo um crescente investimento pessoal.

Nesse contexto, a escolha de uma profissão se torna um momento de tensões, pois está em jogo um projeto de futuro. Fazer essa escolha não é uma tarefa fácil, especialmente para adolescentes, que geralmente estão repletos de dúvidas e conflitos, agravando ainda mais a situação. Muitos jovens buscam profissões que ofereçam maior rentabilidade e estabilidade. Além disso, procuram por carreiras em ascensão ou que possuem uma tradição de prestígio e valorização social. As constantes mudanças na sociedade fazem com que muitas profissões surjam enquanto outras desaparecem.

Iniciei no curso de Pedagogia em 2017 e eu não estava preparada para tantas emoções em minha vida. Como tudo que é novo assusta, essa etapa da minha vida não foi diferente. Na primeira semana do curso me senti totalmente perdida, tantos textos com palavras tão complexas, me perguntava sempre se precisava mesmo de tudo aquilo. Xerox para cá e para lá, dinheiro indo e nunca retornando. Achei que tinha me livrado dos trabalhos escritos em folha pautada, mas o professor Batista me fez entender que nem tudo é tão diferente do ensino médio, que saudade sinto desses momentos.

Imagem 7: Minha primeira semana no curso de pedagogia em 2017



Fonte: Acervo Pessoal (2017)

Ao ingressar no curso de Pedagogia não tinha noção da sua importância e me matriculei por influência da família. No entanto, à medida que os períodos avançavam, meu interesse cresceu ao perceber que um pedagogo não se prepara apenas para ser professor. Existem diversas outras funções além da sala de aula em que ele pode atuar, o que me fez valorizar mais o curso.

Durante o curso, enfrentei grandes desafios como leitura de textos longos e exaustivos, apresentações de seminários e a dificuldade na escrita dos textos acadêmicos. Uma das peculiaridades do curso é a ausência de cálculos – não é total pois temos estatística, e como nunca tive facilidade com números, era a minha melhor opção. Apresentações de trabalhos eram simplesmente o terror da minha vida. Me sentia aquela menininha lá da 5ª série, sendo avaliada.

Foi no curso de Pedagogia, por meio das discussões e experiências vividas, que comecei a me ver como um potencial profissional da educação, e é por isso que desejo compartilhar minhas vivências. Desde o início, enfrentei uma grande dificuldade com as apresentações de seminários. Apesar dos meus esforços, sei que ainda tenho muito a melhorar, pois o nervosismo costuma atrapalhar meu desempenho. Nessas ocasiões, contava sempre com a colaboração dos meus colegas de equipe, que me auxiliavam na explicação do conteúdo, tornando a experiência menos estressante. Além disso, pude contar com a compreensão dos professores, que felizmente não me avaliavam apenas pelo resultado, mas também pelo esforço e dedicação demonstrados.

Ao ingressar na faculdade, me percebi sozinha e perdida, era a primeira vez que estava naquele ambiente totalmente diferente. Procurei logo me aproximar de alguns colegas. No início do curso éramos 60 pessoas, no segundo dia de aula éramos apenas 45 alunos e assim foi até o final do curso, a quantidade de pessoas que não se identificavam era maior, por isso tantas desistências. A minha dupla desde o início foi a Marina, depois entraram para o grupo Crizante e Milena.

Imagem 8: Meu grupo da faculdade. Da esquerda para a direita Marina, Isabela (eu) Marina e Milena



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Meus amigos sempre foram os meus incentivadores na faculdade. Nos ajudávamos em tudo, desde um trabalho escrito passado pelo Professor Batista, até um seminário difícil passado pela professora Marcela. Em tudo fomos os melhores parceiros na faculdade. Milena desistiu dois anos depois, Crizante desistiu logo após a pandemia, Marina se formou e hoje estou aqui escrevendo meu memorial para enfim me formar.

No segundo período do meu curso de Pedagogia em 2018, me candidatei ao Programa de Iniciação à Docência (PIBID)⁹. Foi um divisor de águas na minha vida, foi o meu primeiro contato com alunos, uma sala de aula e as experiências que minha futura profissão poderia me oferecer na Escola Municipal Tocantins¹⁰. A

⁹ O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa que integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação no Brasil. Seu objetivo é fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública. O PIBID proporciona aos estudantes da primeira metade dos cursos de licenciatura a inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica, promovendo experiências práticas e inovadoras. Além disso, o programa concede bolsas aos licenciandos, professores das escolas públicas e professores das Instituições de Ensino Superior (IES) envolvidos no projeto

¹⁰ A Escola Municipal Tocantins está localizada na rua Simplício Moreira, no centro em Imperatriz, Maranhão.

professora Tereza Bonfim que era a docente orientadora, me acolheu e embarquei com minha dupla para mais um desafio.

Foi uma experiência significativa para a minha formação. Como o foco principal do PIBID era alfabetização pelo letramento, o primeiro passo para iniciar esse processo era fazer um diagnóstico para saber qual o nível de desenvolvimento do aluno, para assim poder montar uma sequência didática para que eles desenvolvessem habilidades de leitura e escrita.

Na perspectiva do letramento, a alfabetização é vista como um processo complexo, seja para crianças, jovens ou adultos. Pode-se afirmar que alguém aprendeu algo, de maneira formal ou informal, quando há uma mudança de atitude, seja na compreensão da escrita gráfica ou na atribuição de valores socioculturais ao significado da palavra escrita. Portanto, o verdadeiro desafio para o professor que busca alfabetizar, especialmente na visão do letramento, é observar essas características mencionadas. "Alfabetizar letrando significa introduzir o aprendiz no mundo da escrita, tornando-o não apenas capaz de ler e escrever, mas também de usar a leitura e a escrita como práticas sociais" (Soares, 2003, p. 24).

O nosso desafio no PIBID era justamente esse, tentar realizar o diálogo com a alfabetização que é a aprendizagem da língua escrita e o letramento que é a apropriação das práticas sociais de leitura e de escrita. "Alfabetização é a aquisição de um código de escrita, de um sistema de notação da língua falada; letramento é a aquisição das práticas sociais de leitura e escrita, é o uso da escrita no cotidiano." (Soares, 1998, p. 49). Com esse pensamento, eu e minha companheira de PIBID, iniciamos nossos trabalhos em uma turma de 2º ano, inicialmente dez crianças apresentavam uma enorme dificuldade na leitura e na escrita e precisavam de acompanhamento. Feito o diagnóstico, fizemos uma escala para realizar um acompanhamento mais minucioso para aprenderem a ler e escrever. Desse modo, procuramos desenvolver atividades que contemplassem essas necessidades e os mesmos pudessem desenvolver habilidades de leitura e escrita. Com pouco espaço na escola, decidimos ir para a biblioteca.

No começo, trabalhar com as crianças no processo de alfabetização não foi fácil. Enfrentei muitas dificuldades nas primeiras aulas, tanto pela falta de domínio sobre os diferentes níveis de desenvolvimento da leitura e escrita quanto pelo comportamento dos alunos. Embora tivessem entre 7 e 9 anos, alguns

demonstravam rebeldia e agressividade sem motivo aparente. Assim, no primeiro semestre, percebi pouco progresso na leitura e escrita dos estudantes.

Imagem 9: Alunas Jade, Rebeca e Letícia no projeto de alfabetização e letramento juntamente comigo e Marina na biblioteca da escola



Fonte: Acervo Pessoal (2019)

Mas no segundo semestre após muitas conversas para entender a causa da rebeldia das crianças, percebi que elas careciam de carinho; algumas vinham de famílias desestruturadas, o que afetava seu estado emocional. No entanto, quando conseguiram falar sobre suas vidas pessoais, houve uma abertura que permitiu minha aproximação. Elas começaram a confiar em mim, e gradualmente suas participações nas aulas se tornaram mais ativas, com menos faltas e comportamentos mais tranquilos.

Realizamos muitos projetos de leitura ao longo do desenvolvimento do programa, e na culminância de um deles levamos a profª Tereza Bomfim para ler a minha história preferida, “As orelhas de mariposa”. Eles também apresentaram uma coreografia com a música “Aquarela” de Toquinho usando luvinhas de TNT que foram confeccionadas por nós. As experiências que vivenciei no programa ampliaram minha perspectiva como bolsista de iniciação à docência, e me fizeram imergir no campo educacional me proporcionando experiências ricas para a minha constituição docente. Além disso, me levaram a refletir criticamente sobre minhas ações no ambiente educacional e sobre meu papel como futura educadora.

Imagem 10: Culminância do projeto de leitura desenvolvido com nossa turminha do 2º ano da Escola Municipal Tocantins. Tivemos a participação da nossa professora Tereza Bomfim

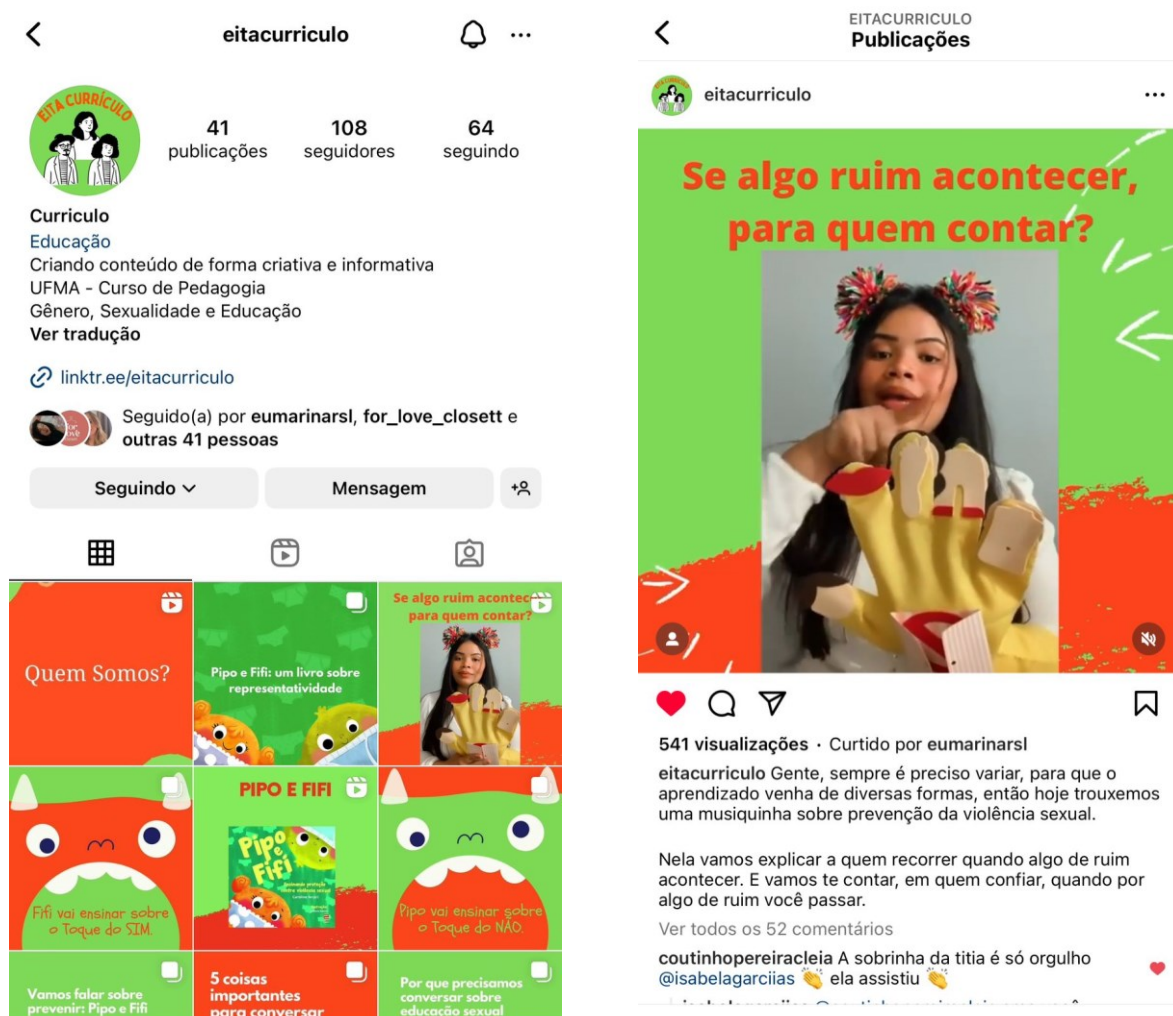


Fonte: Acervo Pessoal (2019)

Ao término da minha participação no PIBID, percebi que o projeto foi valioso não apenas para mim, como monitora, mas também para as crianças, pois contribuiu significativamente para o aprendizado delas, especialmente para aquelas que tinham dificuldade em acompanhar o ritmo dos colegas na sala de aula. Acredito que o progresso dos alunos atendidos pelo PIBID só foi possível graças à dedicação de nossas supervisoras, ao apoio da escola e ao fato de trabalharmos com um grupo reduzido de alunos, o que nos permitiu focar no desenvolvimento da leitura e escrita deles.

Ainda durante o curso de Pedagogia, destaco que algumas disciplinas me surpreenderam e contribuíram muito no meu processo formativo, de maneira a marcar minha trajetória. Quando elas foram ofertadas, tive uma primeira impressão que mudou ao cursá-las. Um exemplo foi a disciplina de “Educação, Gênero e Sexualidade” ministrada no primeiro semestre de 2020. Como proposta de um dos trabalhos, meu grupo (Eu, Marina e Crizante) criou um Instagram com o intuito de divulgar e comunicar conteúdo sobre prevenção da violência sexual contra crianças de forma fácil e criativa para toda a comunidade, utilizando o livro *Pipo e Fifi: prevenção da violência sexual na infância*, de Caroline Arcari como referência.

Imagem 11 e 12: Instagram do projeto desenvolvido na disciplina de Educação, Gênero e Sexualidade



Fonte: Acervo pessoal (2020)

O sucesso desse projeto foi tão grande que os resultados de utilizar novas tecnologias para discutir violência sexual de crianças se fizeram sentir, de forma gradativa, em cada postagem e nas interações. Os depoimentos das pessoas nos comentários e *direct* levam a crer que houve resultados positivos e repercussões significativas. Das quais posso destacar, as mais de 3 mil visualizações. Apresentamos o projeto no III EMGES – Encontro Maranhense sobre Gênero, Educação e Sexualidade, em formato de comunicação oral com publicação de um resumo. Nisso, entendo que essa vivência me permitiu ver outros movimentos formativos, que extrapolam a sala de aula, e se materializam também na pesquisa e extensão.

Outra disciplina que gostei também foi *Currículo, Artes e Educação, Fundamentos e Metodologias de Ensino da Matemática*, mas a que ganhou meu coração foi *Educação Especial*, ministrada pela professora Marcela. Ela amava passar seminários, e numa dessas fomos sorteados para realizar uma aula para surdos. Fizemos uma visita na Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos Prof. Telasco Pereira Filho¹¹, para entender como funcionava. As crianças nos receberam com muito amor mesmo sem que soubéssemos a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Aprendemos algumas palavras para que pudéssemos conversar com elas. Conhecemos a professora que nos presenteou com alguns jogos e brincadeiras para apresentar para a turma e fizemos também o jogo do uno todo em libras.

Imagem 13: Nossa apresentação no seminário para surdos com a professora Marcela Arraes



Fonte: Acervo pessoal (2020)

Este trabalho foi extremamente significativo para a minha formação. A cada nova experiência, aprendemos, ensinamos e compartilhamos conhecimentos. Com os resultados deste seminário, percebi que as crianças com deficiência também são

¹¹ A primeira Escola Bilíngue do Maranhão e a segunda do país encontra-se em Imperatriz. Inaugurada através da Lei nº 1453/2012, a Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos Professor Telasco Pereira Fialho, localizada no bairro São José do Egito, atende aproximadamente 63 alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Para mais informações acessar: <https://imperatriz.ma.gov.br/portal/noticias/educacao/escola-bilingue.html>.

capazes de aprender, interagir com outras pessoas, brincar e ser protagonistas de seu próprio aprendizado. Além disso, ficou claro que o professor não atua sozinho; ele precisa do apoio de um profissional que acompanhe o aluno e adapte as atividades para suas necessidades. Participar deste evento me proporcionou uma compreensão mais clara de como trabalhar em uma sala de aula que incluía crianças com deficiência.

Em 2020, as inscrições para o Programa Residência Pedagógica¹² foram abertas. Mesmo sem saber exatamente como funcionaria devido à pandemia da Covid-19 (2019-2022), enxerguei a oportunidade de participar de um dos programas da universidade, e aproveitei as horas do Programa, já que ainda não havia realizado o Estágio em Docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental¹³. Desde que entrei na universidade, planejava participar de todas as atividades possíveis e aproveitar as oportunidades oferecidas. E consegui!

De forma geral, minha trajetória acadêmica proporcionou-me grandes aprendizagens que me transformaram completamente como pessoa, passei a acreditar mais em mim. Todo esse processo foi muito além da construção da profissional. E é sobre minhas experiências nesse programa que esse TCC se materializa. A seguir tratarei sobre a realização do Residência Pedagógica, abordando suas contribuições para formação acadêmica e ainda, refletindo acerca das problemáticas e potencialidades vivenciadas.

¹² No próximo capítulo abordarei mais profundamente sobre.

¹³ O Curso de Pedagogia do CCIIm da UFMA durante o período de pandemia autorizou que os estudantes que participaram ou participassem de Residência Pedagógica ou PIBID, poderiam realizar o aproveitamento para os estágios obrigatórios.

CAPÍTULO 02 – O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: DIÁLOGOS COM O ENSINO

Neste capítulo, compartilharei as experiências no PRP como sendo (trans)formadora no meu percurso acadêmico. O PRP desempenha um papel fundamental na formação de professores, proporcionando uma imersão no espaço escolar que alia teoria e prática pedagógica. No contexto do ensino de Matemática, esse programa oferece aos residentes a oportunidade de dialogar diretamente com as metodologias de ensino, enfrentar desafios reais em sala de aula e desenvolver estratégias inovadoras para a educação matemática. Através dessa experiência, futuros professores são capacitados a construir conhecimentos sólidos, promover a aprendizagem significativa e se adaptar às diversas realidades escolares, contribuindo para a formação de uma educação matemática mais eficaz.

Dessa forma este capítulo está dividido em três seções O Programa de Residência Pedagógica; O subprojeto do Programa Residência Pedagógica no Curso de Pedagogia do CCIm: o ensino de matemática e as Reflexões sobre as experiências formativas no Residência Pedagógica e o ensino de Matemática.

2.1 O Programa de Residência Pedagógica

O Programa RP faz parte das iniciativas do Ministério da Educação (MEC) através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), sendo uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores do governo federal e visa promover a experiência de regência em sala de aula aos discentes das licenciaturas, acompanhados pelo professor da escola e pela orientação de um docente da instituição formadora (Brasil, 2020).

Este programa tem como principal objetivo proporcionar aos licenciandos uma imersão prática nas escolas de educação básica, permitindo que eles vislumbrem o funcionamento da teoria e prática pedagógica nas realidades escolares. Esta experiência é enriquecedora para que os futuros professores possam aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos durante a graduação em situações cotidianas de ensino. "O Programa Residência Pedagógica visa promover a inserção dos licenciandos no cotidiano das escolas de educação básica, permitindo que vivenciem a realidade escolar e desenvolvam competências e habilidades

necessárias para o exercício da docência." (Capes, 2018). Os objetivos do Programa são:

a) incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica, conduzindo o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente; b) promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de licenciatura às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC); c) fortalecer e ampliar a relação entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e as escolas públicas de educação básica para a formação inicial de professores da educação básica; e d) fortalecer o papel das redes de ensino na formação de futuros professores (Brasil, 2020, p. 2).

Além disso, ressalta a importância da adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de licenciatura às diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), assegurando uma formação alinhada com os requisitos educacionais contemporâneos.

Outro ponto relevante é a parceria entre Instituições de Ensino Superior (IES) e escolas públicas de educação básica, fortalecendo e ampliando essa relação para melhorar a formação inicial dos futuros professores, além de contribuir com os processos formativos na educação básica dos estudantes professores que a integram. Esses objetivos coletivamente visam não apenas elevar a qualidade da educação básica, mas também preparar professores mais qualificados e comprometidos com as demandas contemporâneas da educação no Brasil.

Segundo o Edital CAPES/RP nº 01/2020, os projetos institucionais de residência pedagógica têm duração de 18 meses, totalizando 414 horas de atividades distribuídas em três módulos de seis meses, cada um com carga horária de 138 horas (Brasil, 2020). Cada módulo engloba diversas atividades essenciais, como preparação da equipe, estudo de conteúdos e metodologias de ensino, adaptação ao ambiente escolar, elaboração de planos de aula e regência de aulas sob a supervisão do preceptor na escola campo. Por esse motivo, é viável solicitar a convalidação das horas de Residência Pedagógica para as horas de estágio em docência do curso, considerando que o residente realiza todas as atividades previstas nos estágios, e ainda com uma carga horária superior.

As primeiras iniciativas de implementação da residência na área educacional surgiram a partir da proposta do senador Marco Maciel (DEM/PE) em 2007, inspirado no modelo da residência médica. O Projeto de Lei do Senado (PLS)

227/07 propunha a criação da Residência Educacional, com uma carga horária de 800 horas, requerendo certificação para professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental como uma etapa complementar à formação inicial. Após dois anos, o projeto foi discutido em audiência pública, porém não avançou no Congresso Nacional (Silva; Cruz, 2018). Em 2012, o Projeto de Lei n.º 284/2012 retomou a proposta anterior, agora denominada Residência Pedagógica, introduzindo adaptações significativas como ajustes na carga horária, entre outras modificações (Faria; Pereira, 2019).

Faria e Pereira (2019) discorrem sobre a primeira experiência de residência na formação inicial de professores de iniciativa Institucional:

A primeira experiência de residência na formação inicial de professores encontrada (cronologicamente anterior às demais) foi no Programa de Residência Pedagógica (PRP), implementado desde 2009, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). De acordo com trabalhos que relatam essa experiência, o PRP é um modelo de estágio supervisionado que articula a formação inicial à formação continuada de professores que atuam nas escolas públicas da cidade de Guarulhos que estabeleceram Acordos de Cooperação Técnica com a UNIFESP (Faria; Pereira, 2019, p. 339).

No edital CAPES 06/2018, a concepção do PRP na formação de professores tinha como objetivo principal aprimorar a formação por meio do desenvolvimento de projetos que integrassem de maneira ativa a teoria e a prática. Este programa também buscava induzir a reformulação dos estágios supervisionados e promover a adaptação dos currículos acadêmicos (Brasil, 2018).

Desde suas primeiras discussões e implementações, o PRP foi delineado para melhorar a formação docente ao estabelecer conexões diretas entre teoria e prática, permitindo que os licenciandos participassem ativamente nos processos de ensino e aprendizagem em contextos das escolas brasileiras. Além disso, o programa promoveu uma aproximação significativa com os estágios supervisionados. Devido a essas semelhanças em objetivos e características, é viável considerar a convalidação das horas do programa para as horas dos estágios acadêmicos.

A proposta de convalidação das horas do PRP para os estágios obrigatórios da UFMA está fundamentada na essência do programa, e é uma medida que busca

reconhecer a relevância e a profundidade das experiências formativas vivenciadas pelos residentes. O PRP oferece uma imersão prática intensiva, na qual os participantes desenvolvem atividades diretamente relacionadas à docência, muitas vezes com uma carga horária superior à exigida nos estágios convencionais, também fortalece a formação acadêmica ao integrar teoria e prática de maneira significativa, alinhada às demandas contemporâneas da educação.

2.2 O subprojeto do Programa Residência Pedagógica no Curso de Pedagogia do CCIm: o ensino de Matemática e Língua Portuguesa

O PRP-Pedagogia foi implementado em um período marcado por consideráveis incertezas devido à pandemia da Covid-19. As circunstâncias levaram-nos a questionar como o programa seria executado, quais estratégias se mostrariam eficazes diante do distanciamento social e quais desafios enfrentaríamos. A partir de novembro de 2020, iniciaram-se as primeiras reuniões para definir a escola de atuação, as turmas designadas, os preceptores envolvidos, os cronogramas de atividades e os planos iniciais de ação, delineando os caminhos a serem percorridos durante o programa.

Durante o PRP-Pedagogia participamos de formações que desempenharam um papel crucial na preparação e execução das atividades planejadas. Esses momentos foram fundamentais para nossas reflexões, análises e estudos sobre as práticas a serem desenvolvidas ao longo do programa. Após os primeiros meses e várias formações, o grupo de residentes iniciou a elaboração das aulas de matemática para serem disponibilizadas na plataforma online adotada pelo município de Imperatriz/MA para o ensino remoto. Assim, elaboramos materiais que incluíram aulas escritas, videoaulas e atividades interativas.

Com o incentivo do professor orientador, também participamos ativamente de eventos acadêmicos e científicos, nos quais produzimos trabalhos como artigos científicos, capítulos de livros e comunicações orais, abordando nossas experiências no programa, especialmente no contexto das aulas de matemática e do uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Esta experiência foi profundamente enriquecedora, pois representou minha primeira participação em eventos acadêmicos com contribuições desenvolvidas por mim.

A estrutura do PRP-Pedagogia de Imperatriz, realizado em 2020, envolveu a participação de 10 residentes, sendo 8 bolsistas e 2 voluntários, todos regularmente matriculados e que já haviam cursado pelo menos 50% do curso ou estavam cursando a partir do 5º período. Os preceptores, professores das escolas de Educação Básica, desempenharam o papel crucial de planejar, acompanhar e orientar os residentes nas atividades desenvolvidas nas escolas onde ocorreram as práticas de campo.

O docente orientador, por sua vez, foi responsável por planejar e guiar as atividades dos residentes dentro de seus respectivos núcleos de residência pedagógica na IES, estabelecendo a conexão essencial entre teoria e prática, desempenhando um papel semelhante ao de supervisores de estágio. Além disso, os coordenadores institucionais, também docentes da IES, foram encarregados de organizar, acompanhar e executar o projeto institucional de residência pedagógica a nível macro da universidade, aqui no caso a UFMA (Brasil, 2020).

Cada IES apresentou um projeto institucional detalhado, que incluiu subprojetos e seus respectivos núcleos, focados no desenvolvimento de atividades de residência e docência nas escolas de campo. No contexto específico do PRP-Pedagogia em Imperatriz/MA, o subprojeto desenvolvido pelo docente orientador Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura, foi intitulado *O Letramento Matemático e a Implementação do Documento Curricular do Território Maranhense: o ensino e a aprendizagem da Matemática Escolar e o sujeito da experiência do núcleo de Alfabetização*, envolvendo uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental e posteriormente uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. O PRP aconteceu na Escola Municipal Madalena de Canossa, pertencente à rede pública municipal de Imperatriz¹⁴.

Os objetivos do subprojeto são voltados para a formação dos acadêmicos através da integração entre teoria e prática, aliada ao conhecimento adquirido pela experiência. Essa união é essencial para a formação e desenvolvimento das habilidades e competências necessárias para a docência com foco na educação matemática. Além disso, o subprojeto busca promover a formação continuada dos

¹⁴ A Escola Madalena de Canossa está localizada em Imperatriz, no estado do Maranhão. Abrangendo desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

professores envolvidos, por meio das atividades e formações que o PRP-Pedagogia proporciona tanto dentro quanto fora da sala de aula.

As atividades realizadas tiveram como foco o desenvolvimento do letramento matemático escolar, alinhado à implementação do Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA). O objetivo foi proporcionar aos licenciandos uma formação sólida, baseada nas experiências adquiridas durante a regência e nas oportunidades de formação continuada.

O ano que iniciamos o PRP foi atípico e exigiu da educação, assim como de todos os setores do país, uma capacidade de adaptação bem adversa. Devido à pandemia provocada pela Covid-19 que atingiu o Brasil em março de 2020, fez-se necessária a adoção de medidas de isolamento social para reduzir a propagação do vírus, evitando assim, um colapso no sistema de saúde e a proteção da saúde das pessoas. Desse modo, as medidas protetivas atingiram diretamente o âmbito escolar, sendo necessária a suspensão das aulas presenciais e a adaptação das aulas para o ensino remoto, o qual tem sido realizado integralmente por meio virtual.

Com o avanço da Covid-19 pelo Brasil, o Ministério da Educação publicou no Diário Oficial da União uma portaria que “dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19” (Brasil, 2020b, p.1). Essa publicação tornou regulamentado o trabalho em formato remoto enquanto durar a pandemia, e, desta forma, todas as atividades acadêmicas tiveram respaldo para acontecer de maneira remota, como ocorreu com o PRP.

O primeiro módulo do Programa abrangeu diversas atividades, incluindo a aquisição de conhecimentos específicos da área e metodologias para se familiarizar com a prática docente, através de formação pedagógica por meio da participação em seminários, elaboração de aulas e videoaulas, ambientação com plataformas virtuais, participação em planejamentos e reuniões escolares, além do acompanhamento dos alunos da escola campo nas atividades de Matemática.

Foi realizado um primeiro minicurso, intitulado *A escrita do memorial de formação*, ocorreu em janeiro de 2021 e foi ministrado pelo docente orientador, Prof. Jónata. O objetivo do minicurso foi explorar a escrita de memoriais, discutir a origem e concepção do memorial autobiográfico e orientar a construção de um memorial de formação.

Participar deste minicurso foi extremamente enriquecedor, ajudando-me a refletir sobre minhas experiências ao longo da trajetória formativa como indivíduo e profissional. O minicurso teve uma carga horária de 60 horas, com encontros realizados via *Google Meet*, durante os quais estudamos textos sobre memoriais e, ao final, produzimos nosso próprio memorial de formação. A cada encontro discutíamos as dúvidas mais comuns enfrentadas ao escrever um memorial de formação, os significados de trabalhar com a memória e sua importância, bem como o ato de narrar nossas experiências no processo de rememoração. Foi um minicurso rico em informações, discussões e reflexões, permitindo-nos conhecer melhor o memorial, a nós mesmos, nosso processo formativo e o significado de escrever um memorial de formação.

Outra importante ação inicial foi a participação na formação pedagógica *Desafios e Possibilidades de Alfabetizar Letrando*, organizada pela professora Dra. Cristiane Dias Martins da Costa, Docente Orientadora do RP no Campus de Codó/MA. Essa formação ocorreu entre 18 de fevereiro e 25 de março de 2021, com onze encontros realizados remotamente pela plataforma *Google Meet*.

Durante o curso, foram apresentadas características da alfabetização e do letramento, ressaltando que este é um processo que envolve o desenvolvimento de diferentes habilidades e competências, e que cada estudante tem seu próprio ritmo e tempo de aprendizagem. Dessa forma, foram destacadas várias características da alfabetização e do letramento, enfatizando que esse processo envolve o desenvolvimento de diversas habilidades e competências, e que cada estudante possui seu próprio ritmo e tempo de aprendizagem. Entre os muitos desafios apontados, um dos mais marcantes foi determinar quais caminhos seguir para que o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento ocorresse de maneira significativa diante dessa nova realidade: o Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Algumas possibilidades foram exploradas no curso, como o uso de jogos digitais para criar situações de leitura e escrita que despertem o interesse das crianças, a utilização das TDIC como recurso, e a aplicação de metodologias ativas para que os estudantes se tornem protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem. No contexto do ERE, é essencial estar atento às dificuldades enfrentadas, pois muitos alunos não conseguiram acompanhar esse modelo de

ensino. Mesmo aqueles que conseguiram, muitas vezes enfrentaram desafios significativos, como a instabilidade da internet e as dificuldades que algumas famílias tiveram para apoiar os estudantes durante as aulas.

Neste minicurso houve a participação de palestrantes que demonstraram de forma clara e evidente que é possível realizar um bom trabalho, mesmo de forma *on-line*, utilizando ferramentas para o melhor desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem das crianças. Foram 11 dias de muito aprendizado, alternados entre terça e quinta, e ao final de cada encontro houve o momento de partilha e discussões que contribuíram para minha construção enquanto docente. Tudo isso influenciou quando pude ter o primeiro contato com planos de aulas e atividades que tive de postar na plataforma Geduc (plataforma utilizada para gestão de planejamentos e frequências, além das postagens de aulas, no município de Imperatriz)¹⁵.

Por meio dessa plataforma temos (os residentes) acesso às notas e aulas, que são planejadas por nós com supervisão do nosso Professor Orientador, Jónata Moura, e do Professor Preceptor, Carlos Humberto. Com esse primeiro contato, os residentes puderam ter maior desenvolvimento com relação às aulas e atividades a serem fornecidas aos alunos.

Para construir as aulas do componente curricular matemática tive a ajuda dos meus colegas de trio, do professor preceptor e do professor orientador. Para isso participamos de reuniões via *Google Meet* com o preceptor para que ele pudesse nos informar sobre os conteúdos que teríamos de dar continuidade, a fim de não ocorrer rupturas na aprendizagem dos alunos. Após o envio das aulas para os professores (orientador e preceptor), suas correções e autorização, a aula era postada na plataforma Geduc, para os alunos terem acesso. As mediações foram feitas de forma *on-line*, para a elaboração e correção de aulas e atividades, e foi de suma importância esse momento, pois entendemos na prática como é fundamental um planejamento bem elaborado, sistematizado, sendo aplicado de maneira intencional para que haja o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, com objetivos claros para o alcance de determinadas habilidades.

¹⁵ Plataforma que os professores e alunos se conectam para a realização das aulas não presenciais, que o município disponibilizou, é um aplicativo disponível para Smartphones, Tablets, Ipad com sistema Android e IOS adquirido para o retorno das aulas.

Outro minicurso, intitulado *O Letramento Matemático Escolar e o Documento Curricular do Território Maranhense: conhecendo e questionando*, foi conduzido pelo professor Dr. Jónata, pela professora Dra. Kátia Gabriela Moreira e pelo preceptor professor Carlos Humberto de Silva de Sousa. Eles abordaram o ensino da matemática escolar com na BNCC e no DCTMA, destacando possíveis abordagens para aulas de matemática utilizando jogos e tecnologias no ERE.

O primeiro encontro do minicurso foi conduzido pelo professor Dr. Jónata que explorou o tema *Conhecendo o Documento Curricular do Território Maranhense: desdobramentos e inquietações no componente curricular de matemática*. Ele iniciou discutindo as diferentes versões da BNCC desde suas primeiras ideias até a última versão de 2017, além da implementação do Documento Curricular do Território Maranhense (Maranhão, 2019). O professor também trouxe à tona a reflexão sobre o conceito de "maranhensidade" como um elemento central na construção do currículo e na sua organização no estado do Maranhão, destacando as mudanças introduzidas em relação ao documento anterior.

A "maranhensidade" aqui surge como um elemento central na construção e organização do currículo educacional no estado do Maranhão, refletindo o compromisso em valorizar e preservar a identidade cultural maranhense dentro do ambiente escolar. Esse conceito, que abrange o conjunto de valores, tradições, histórias e características próprias do Maranhão, foi fundamental na reorientação curricular, especialmente no que diz respeito ao fortalecimento de uma educação contextualizada e significativa para os estudantes maranhenses.

A incorporação da maranhensidade no currículo representa uma mudança significativa em relação aos documentos anteriores, que muitas vezes adotavam uma perspectiva mais generalista, desvinculada das especificidades regionais. Agora, a maranhensidade passa a ser vista como um eixo estruturante, que permeia as diversas disciplinas e práticas pedagógicas, garantindo que o conteúdo escolar dialogue diretamente com a realidade sociocultural dos alunos.

Essas formações foram extremamente úteis para minha prática no RP-Pedagogia, oferecendo direcionamentos e recomendações de ferramentas e abordagens para o ensino de matemática. Além disso, me proporcionaram maior entendimento sobre o ensino da matemática no âmbito escolar e o DCTMA.

Com as formações, tive a oportunidade de aprimorar minhas práticas de ensino durante a pandemia e no período pós-pandemia, ampliando minha visão sobre métodos e abordagens que possibilitam alcançar os alunos de maneira eficaz e significativa em seu processo formativo. Como aponta Libâneo (1999, p. 48), a atividade profissional do professor se caracteriza pela "[...] mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade, papel que cumpre promovendo as condições e os meios [...]". Por meio das formações, pude explorar meios e estratégias essenciais para essa mediação, contribuindo também para o meu desenvolvimento profissional.

Assim, as formações foram além de apenas aprender como conduzir as aulas de matemática; elas também fomentaram a formação de uma consciência crítica e reflexiva sobre o processo educacional. Consequentemente, abriram novos horizontes e perspectivas tanto para minha formação pessoal quanto profissional.

Após algumas formações iniciais no programa, os residentes foram organizados em duplas para a elaboração das aulas de matemática. O professor preceptor designou os temas de cada aula para as duplas e nos orientou sobre como as aulas remotas deveriam ser desenvolvidas e conduzidas.

As aulas eram realizadas através da plataforma *Geduc*, e para as famílias que não tinham acesso à Internet, as atividades eram distribuídas em pacotes impressos a cada quinze dias. Cada dupla ou trio era responsável por criar vídeo aulas explicativas sobre o tema, aulas escritas com textos curtos e didáticos para facilitar a compreensão, e uma atividade ao final de cada aula, tudo sendo postado na plataforma.

O Docente Orientador e o preceptor ressaltaram pontos essenciais para a produção das aulas, como evitar textos e vídeo aulas extensos, prestar atenção à linguagem e ao conteúdo, e incorporar elementos lúdicos nas produções para evitar que o ensino da matemática se tornasse cansativo.

A experiência mais significativa foi a preparação de aulas e videoaulas para os estudantes da escola campo do RP, que foram posteriormente publicadas na plataforma *Geduc*, utilizada pela escola durante o período de ensino remoto.

Desenvolvemos os planos de aula e criamos o conteúdo sob a orientação do professor supervisor e do preceptor, os quais revisaram minuciosamente as aulas

para garantir o melhor resultado possível. As famílias sem acesso à Internet recebiam atividades impressas a cada quinze dias.

Imagem 14 e 15: Modelo de aula e atividades que disponibilizávamos na plataforma GEDUC.



E.M. Madalena de Carossa
5º ano "A" matutino
Prof. Carlos Humberto Silva de Sousa

Simplificação de Fração¹

Na aula anterior aprendemos que as frações equivalentes são frações que mesmo que sejam diferentes na escrita representam a mesma parte do inteiro, hoje aprenderemos como simplificar frações.

Simplificar uma fração consiste em reduzir o numerador e o denominador por meio da divisão pelo máximo divisor comum aos dois números.



Mas antes vamos relembrar o que é o Máximo Divisor Comum.

O MDC ou Máximo Divisor Comum é o maior divisor entre dois números.

Imagine dois ou mais números inteiros positivos, agora, vamos listar os divisores desses números. Quando realizamos essa listagem, percebemos a existência de divisores em comum, isto é: **divisores que aparecem ao mesmo tempo em mais de uma lista.** Ficou confuso? Veja o exemplo.

¹ 1 Aula construída pelas alunas Marina Rodrigues da Silva Lopes e Isabela Garcia Barreto Silva, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – Campus Imperatriz, no âmbito do Programa Residência Pedagógica sob orientação do prof. Dr. Jonata Ferreira de Moura (Supervisor) e do prof. Carlos Humberto Silva de Sousa (Preceptor).

Avenida Tapajós, n. 14 B – Parque Santa Lúcia



E.M. Madalena de Carossa
5º ano "A" matutino
Prof. Carlos Humberto Silva de Sousa

1

3 QUESTÕES – MEDIO

A fração irredutível de $\frac{8-4}{12}$:

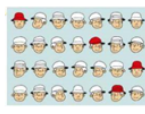
$\frac{2}{3}$

$\frac{1}{2}$

$\frac{4}{6}$

$\frac{1}{3}$

Quatro de 28 homens usam chapéu encarnado. Que fração dos homens não usa chapéu encarnado? Apresenta a resposta sob forma de uma fração irredutível.



3 QUESTÕES – DIFÍCIL

Determine o MDC e simplifique as frações.

MDC entre 32 e 40 = 8

$\frac{32}{40} = \frac{4}{5}$

MDC entre 63 e 81 = 9

$\frac{63}{81} = \frac{7}{9}$

MDC entre 36 e 66 = 6

$\frac{36}{66} = \frac{2}{11}$

Avenida Tapajós, n. 14 B – Parque Santa Lúcia

Fonte: Arquivo pessoal (2021)

Para tanto, fomos organizados em duplas ou trios para a elaboração das aulas e videoaulas. Trabalhei em trio com a Marina e o Crizante, e juntos elaboramos roteiros das aulas que incluíam a explicação do conteúdo, questões discursivas e de múltipla escolha sobre o tema das aulas. Também produzimos videoaulas com duração máxima de 5 minutos para facilitar o acesso dos alunos via *WhatsApp*. Ao qual enviávamos nos horários definidos pelo app, e pela plataforma Geduc.

Cada equipe produzia vídeos explicativos, materiais escritos concisos para facilitar a compreensão, e uma atividade ao final de cada aula, postada na plataforma. Tentamos utilizar da ludicidade para tornar o ensino de matemática mais interessante, especialmente considerando que as crianças tinham várias disciplinas online. Além disso, foi necessário considerar as condições socioeconômicas das

famílias, muitas das quais não possuíam computadores ou tinham apenas um celular para todos os membros da família, além de enfrentarem desafios com o acesso à internet. Esses desafios foram motivos de inquietações em relação ao que fazer e como fazer.

Embora o ensino remoto parecesse uma alternativa viável para manter as aulas durante a pandemia, essa modalidade destacou a nossa falta de habilidade em utilizar recursos tecnológicos para lecionar, na preparação e condução das aulas. Segundo Cordeiro *et al.* (2020, p. 705):

A educação e a sua importância sobressaíram, tiveram grande destaque, professores de todos os níveis e modalidades de ensino têm se reinventado diariamente em suas práticas pedagógicas e começaram a utilizar massivamente em seus planejamentos educacionais tecnologias da informação e comunicação mesmo sem formação ou conhecimento básico necessário para tal.

Diante da importância da educação, é evidente que ela não poderia ser interrompida. Nesse contexto, todos nós sentimos a urgência de nos adaptarmos rapidamente ao novo modelo emergencial, ou seja, a essa nova modalidade de ensino. No entanto, enfrentamos várias dificuldades para lecionar dessa maneira, pois não tivemos tempo suficiente para nos habituarmos adequadamente com planejamentos e ferramentas mais eficientes ou melhores aplicadas nos contextos que estávamos inseridos.

O ERE surgiu diante da necessidade do isolamento social devido à pandemia, assim, ao contrário de experiências educacionais totalmente projetadas e planejadas para serem *on-line*, “o ERE responde a uma mudança repentina de modelos instrucionais para alternativas em uma situação de crise” (Silva; Andrade; Brinatti, 2020, p. 9), amenizando alguns aspectos, mas afetando outros, como o afeto.

Segundo Silva *et. al.* (2012), o aspecto afetivo é um dos elementos importantes para fazer com que os estudantes se sintam mais motivados e tenham maior facilidade de aprendizagem, a fim de perceber que as relações afetivas são constituintes no processo educativo, visto que a construção do conhecimento implica na relação entre pessoas. Isto tem sido impossibilitado pela pandemia, mesmo com o uso do *WhatsApp* na tentativa de mitigar este fato.

De acordo com Alves e Torres (2017) na área educacional o *WhatsApp* também é uma ferramenta bastante utilizada, uma vez que possibilita uma aproximação maior entre professor e aluno, criando uma extensão da sala de aula, facilitando também as correções e devolutivas de atividades. Outro ponto positivo que o *WhatsApp* traz é a criação de grupos que incluem alunos, pais e professores; essa ferramenta proporciona a interação e o diálogo de maneira que os alunos possam ter esclarecimento de suas dúvidas e questionamentos fora da sala de aula, momento esse que propicia ricamente a condição de aprendizagem dos responsáveis envolvidos.

Mas também pode haver problemas como alertam Brito e Moura (2021, p. 7) ao se referirem para o uso do aplicativo:

[...] a aproximação dos/as estudantes com o *WhatsApp* proporciona melhor usabilidade, mas também pode provocar distrações; ademais, ele não é uma ferramenta educacional, e sim uma rede social de contato e interação entre as pessoas para além da escola, o que pode ocasionar desatenções e outras ações paralelas, enquanto as aulas e os encaminhamentos das atividades são realizados.

Mesmo sabendo que o *WhatsApp* pode distrair os estudantes facilmente por não ser uma ferramenta elaborada para o ambiente educacional e sim uma rede social, percebemos que seu uso foi importante como recurso que possibilitasse o estreitamento das relações entre nós e os estudantes, nós e o professor preceptor, e melhorar o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem no ensino remoto emergencial da matemática escolar.

Com as devolutivas através do *WhatsApp*, buscamos estabelecer horários que correspondessem com a necessidade e disponibilidade de cada aluno, onde tínhamos a responsabilidade de auxiliá-los em tudo para que houvesse um maior interesse, mas infelizmente não aconteceu dessa forma. Apenas um aluno me procurou durante todo esse processo. Mesmo com o empenho e a busca dos residentes de fazer atividades diferentes, aliado às diversas plataformas disponíveis, pouco retorno obtivemos dos alunos. Isso evidencia ainda mais a importância do ambiente escolar e do ensino presencial.

A falta de demanda e a ausência de retorno dos alunos podem ser superadas, de acordo com Freitas e Trotta (2020, p. 90), por meio de uma maior

participação e colaboração dos pais, uma vez que esse interesse “faz com que os alunos se sintam mais seguros e responsáveis, apresentando como resposta um bom desempenho escolar”. Mas sabemos que essa participação e colaboração dos pais nem sempre ocorre, o que faz com que os alunos tenham dificuldades em se programar e criar um cronograma de estudos para o ERE.

Um desafio grande que enfrentamos foi a dificuldade de contato com alguns alunos, pois alguns respondiam as mensagens pelo *WhatsApp*, mas outros não, às vezes quando respondiam eram em outros horários ou dias diferentes das aulas. As dificuldades com os horários estão geralmente relacionadas à falta de alguém da família para o acompanhamento na hora das aulas, pois muitos pais trabalhavam o dia todo e não conseguiam estar presente e acabavam deixando para outro horário.

Outra dificuldade que tivemos para manter a interação com o aluno foi que algumas famílias tinham apenas um aparelho celular para todos da casa, ou às vezes a Internet não atendia as necessidades para as realizações das atividades o que acabava dificultando a interação e o acompanhamento proposto. Isso é o tamanho do problema social que nosso país vive. A pandemia escancarou as mazelas sociais do Brasil, mostrando a distância que há entre os mais ricos, os pobres e miseráveis do nosso país, entre brancos e pretos, quem mora na zona urbana e rural.

A pesquisa de Brito e Moura (2021) trouxe indícios disso, ao apontar para essa dificuldade dos horários, na qual os professores recebiam atividades em horários totalmente fora do esperado. E no momento em que estavam disponíveis online, a maioria dos estudantes não participava, pois as famílias dispunham de apenas um equipamento eletrônico.

Imagem 16: Aula sobre composição e decomposição na classe das unidades simples



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

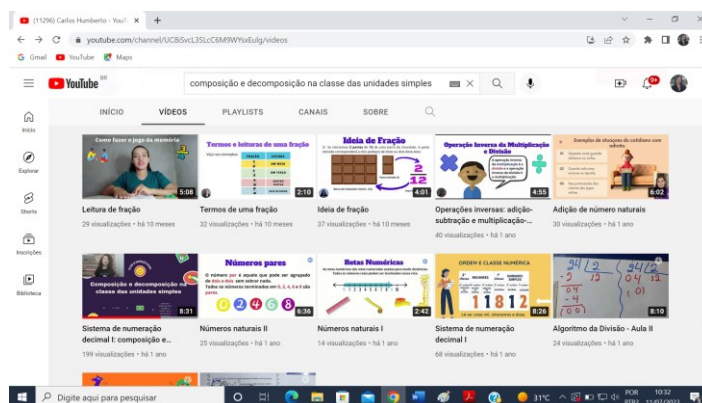
A imagem acima é o print de um dos vídeos que produzimos para abordar o tema Composição e decomposição, assim alternávamos e íamos apresentando por meio de slides e outros tipos de recursos, para tentarmos transformar esse processo mais atrativo e interativo. Ao finalizar as atividades, nós as corrigíamos e registrávamos os comentários sobre as questões incorretas na plataforma. Em seguida, enviávamos feedback individualizados pelo *Whatsapp* para cada aluno que acompanhamos, bem como para seus pais ou outros responsáveis. Isso permitia que eles fossem informados sobre os erros e acertos, revisassem o conteúdo e esclarecessem dúvidas.

Para garantir que a maioria dos alunos sem acesso à Internet pudessem acompanhar as aulas, a SEMED implementou um canal de TV aberta para transmitir videoaulas preparadas por vários professores do município, com uma programação contínua de 13 horas diárias. Nosso orientador nos informou que a SEMED apreciou bastante as videoaulas que produzimos e solicitou nossa permissão para incluí-las na grade do canal. Vimos nossas aulas de Matemática sendo exibidas várias vezes, assim como as aulas do orientador Carlos Humberto em diferentes disciplinas. Inicialmente, hesitei um pouco ao pensar que minha imagem seria transmitida na TV aberta através das videoaulas. No entanto, com o tempo, me acostumei com a ideia e até me senti orgulhosa do resultado das aulas que eu e minha colega de

Residência Pedagógica preparamos. Minha família ficava esperando o horário das aulas para assistir, acredito que a maior audiência era da minha família.

As vídeo aulas eram postadas também no canal do YouTube¹⁶ do professor preceptor para facilitar o acesso. Alguns meses depois as aulas passaram a ser transmitidas pelo canal aberto da prefeitura de Imperatriz/MA, TV EducalTZ, 7.2.6¹⁷.

Imagem 17: Canal do Youtube do Professor Carlos Humberto onde postava as nossas vídeo aulas.



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

No segundo módulo e com o aumento do número de pessoas vacinadas e a diminuição dos casos de contaminação e mortes, as aulas presenciais puderam ser retomadas com algumas medidas de proteção, como o uso obrigatório de máscara, higienização das mãos, entre outras, para evitar a propagação da Covid-19.

Em fevereiro de 2022, o ano letivo no município de Imperatriz/MA começou de forma presencial. Houve algumas mudanças no PRP-Pedagogia: o professor preceptor que nos acompanhava na escola campo mudou de escola, o que resultou na mudança de preceptor e turma. Agora, passamos a trabalhar com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental.

Conhecemos a nova professora preceptora e começamos a organizar e planejar aulas focadas na alfabetização e letramento em Língua Portuguesa. A escola decidiu priorizar esses aspectos nos primeiros meses de aulas presenciais, como parte do projeto Escola Leitora. Segundo a BNCC (2017), espera-se que as

¹⁶ Link para acessar as vídeo aulas do canal do professor Carlos Humberto: <https://www.youtube.com/@carloshumberto8876>.

¹⁷ TV EducalTZ tem programação educativa, via canal 7.2, foi criada pela prefeitura de Imperatriz/MA para auxiliar no processo educacional do município.

crianças sejam alfabetizadas nos primeiros e segundos anos do Ensino Fundamental. Nesse período é crucial que elas conheçam o alfabeto, a mecânica da escrita e leitura, e os processos envolvidos no desenvolvimento da consciência fonológica. Por isso, a escola enfatizou que todas as turmas participassem desse projeto. Ao implementar essas atividades, descobrimos muitas coisas, incluindo a importância do convívio presencial.

Imagem 18: Bolsistas RP numa reunião na escola campo Madalena de Canossa com a nova preceptora e o docente orientador.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Depois de tudo o que vivenciamos no ensino remoto, finalmente teríamos contato com as crianças, com os nossos colegas. Precisávamos de convívio, de trocas, conversas e as experiências são essenciais para o desenvolvimento coletivo e individual. No processo de ensino e aprendizagem, essas interações são fundamentais. Não se aprende apenas com o professor, especialmente de forma remota, mas também com os colegas e em diferentes momentos e lugares. O convívio na escola é crucial para a construção do conhecimento. Além das aprendizagens das disciplinas, a formação humana é enriquecida através das relações e interações no ambiente escolar. Com essa perspectiva, iniciamos as observações para conhecer melhor a turma.

Nos primeiros dias, observamos e acompanhamos a nova turma nas aulas de Português e Educação Física. Conforme a metodologia da professora, todas as suas aulas começavam com a contação de uma história, seguida de perguntas e interação com as crianças sobre o texto. Somente após essa atividade, ela introduz o assunto do dia, incentivando assim o hábito da leitura.

Durante as observações notamos que a maioria das crianças ainda não conseguia escrever seus nomes sozinhas, precisando copiar ou receber ajuda. Por isso, em todas as atividades escritas, reservávamos um tempo para que todos escrevessem seus nomes, oferecendo assistência àqueles que não conseguiam sozinhos. Além disso, percebemos que os estudantes identificavam poucas letras do alfabeto.

Os residentes foram distribuídos em diferentes dias da semana. A preceptora solicitou que cada dupla desenvolvesse um projeto de leitura. Eu e meu trio desenvolvemos o projeto “Maleta Viajante”. Esse projeto é uma iniciativa educativa voltada para o incentivo à leitura e ao desenvolvimento da imaginação e criatividade dos alunos. A ideia central do projeto foi disponibilizar uma maleta contendo o livro a ser trabalhado e uma ficha literária para que os alunos pudessem levar para casa, ler, responder a ficha e trazer em uma semana. Decorei a maleta e o projeto foi um sucesso. Os pais nos enviavam fotos lendo com os filhos e participando do projeto.

Após esses dilemas, finalmente tivemos o contato com as crianças em sala, já na transição de uma turma do 5º ano para o 1º ano. Tive o prazer de conhecer a Prof.^a Leia, divertida e uma profissional excelente. As manhãs de segunda do mês de março e abril foram as melhores. Realizamos atividades de alfabetização e letramento além de atividades com foco no corpo e no movimento através de brincadeiras e jogos. A professora Léia pediu um plano de ação para desenvolvermos na turma para o incentivo à leitura. O intuito do projeto é estimular o hábito de leitura nos alunos e a participação dos pais nesse processo.

Elaboramos o plano, apresentamos ao professor orientador que fez sua revisão, nos devolveu e nós ajustamos, e em seguida expusemos à professora, o retorno foi positivo o que nos animou muito. O projeto *Maleta viajante* consistiu em disponibilizar livros de literatura infantil diariamente para que as crianças lessem em casa com o auxílio da família. Um aluno leva a maleta com o livro, lia com o

responsável, registrava e voltava com a maleta no outro dia para que outro aluno levasse com outro livro e assim sucessivamente.

Para atingir esse objetivo, utilizamos uma maleta decorada em que seriam armazenados os livros previamente escolhidos pela professora e os residentes, inclusive os livros fazem parte do acervo pessoal dos residentes.

Imagem 19: Crizante, professora Leia e eu na apresentação do projeto à turma do 1º ano.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

O projeto *Maleta Viajante* foi um sucesso! De forma lúdica e prazerosa foi possível ampliar o repertório das crianças aumentando suas possibilidades de comunicação e expressão, despertando o interesse pelos diversos gêneros literários. Através do projeto as crianças puderam despertar a imaginação, a criatividade e o gosto pela leitura, além de oportunizar um momento de aproximação entre a família e a criança.

O projeto teve um impacto significativo na ampliação da motivação para a leitura e na aprendizagem dos alunos e seus familiares. Durante o estudo, constatamos que o projeto foi amplamente elogiado, demonstrando ser uma atividade estimulante e criativa que entusiasma as crianças a participarem. Além disso, um dos pontos altos do projeto foi o envolvimento das famílias, que contribuem de diversas maneiras para o sucesso do projeto.

Considero a participação dos familiares essencial nesse processo de formação de leitores, como enfatiza Beremblum e Paiva (2006, p. 24),

Cabe ainda destacar que a questão da leitura não pode ser tratada apenas para os que vão à escola, se não para todos que circulam em seu entorno. A responsabilidade social da escola - e do poder público - não se restringe aos usuários diretos, mas à rede da qual esses usuários participam e com a qual interagem.

Dessa forma enfatizo a importância do projeto em abordar a questão da leitura de forma abrangente, não se limitando apenas aos alunos que frequentam a escola, pontuando a responsabilidade social tanto da escola em promover a leitura para todos aqueles que estão no entorno da escola, pois o projeto conseguiu envolver as famílias de forma a engajar toda a comunidade escolar. Esta visão amplia o papel da instituição educacional, destacando que seu impacto deve alcançar também a comunidade, reconhecendo que a formação de leitores é um processo coletivo que envolve diversas interações e contribuições. Esse enfoque reforça a necessidade de políticas públicas e práticas educativas inclusivas que beneficiem não apenas os estudantes, mas toda a rede social na qual eles estão inseridos.

2.3 Reflexões sobre as experiências formativas no Residência Pedagógica

As experiências apresentadas foram essenciais para o meu processo formativo como estudante do curso de formação de professores, e como pessoa. Tudo isso só foi possível graças ao esforço conjunto da equipe pedagógica da escola campo: gestor, coordenadora e preceptor; além do docente orientador e dos colegas residentes que contribuíram significativamente para uma aprendizagem mais eficaz dos alunos e para a minha formação profissional docente.

A ideia de experiência que trago para este relato está relacionada à abordagem de Jorge Larrosa (2002) aponta, ao dizer que experiência é aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. Esse movimento de experienciar não é simples e está diretamente ligado ao sujeito como protagonista deste processo, logo essa ligação entre o sujeito

e os fatores que possibilitam ou não o ato de experienciar são fundamentais para que o sujeito se torne capaz de experienciar. E foram as experiências no PRP que oportunizaram-me vivenciar uma prática docente desafiadora, tornando-me responsável pelo processo de ensinar a aprender, aprender a aprender, e aprender a ensinar.

Por fim, apesar de muitos desafios, participar do PRP em um contexto de pandemia, com aulas não presenciais e situações atípicas no ambiente escolar, contribuiu significativamente para a minha formação profissional docente. As experiências e interações entre a universidade e a escola, entre residentes, orientador, preceptor e alunos, foram enriquecedoras. O exercício de escritas científicas nos relatórios e os relatos de experiência me levaram a refletir sobre minha prática docente e de residente. Essas reflexões são fundamentais para o desenvolvimento da autonomia profissional e a ressignificação da identidade docente.

As experiências relatadas mostram como as atividades propostas pelo PRP incentivaram minha formação em nível superior para a educação básica, permitindo-me exercitar de forma consciente a relação entre teoria e prática. Além disso, essas experiências me levaram a refletir sobre a adequação das atividades às orientações da BNCC e do DCTM.

Outro ponto a destacar é que o RP contribuiu significativamente para o fortalecimento e a ampliação da relação entre minha IES e a escola campo de educação básica na formação inicial. A escola já possui uma parceria com a IES na realização de estágios obrigatórios, com seus professores atuando como formadores dos acadêmicos do curso de Pedagogia.

Desse modo, o PRP foi essencial na aproximação do acadêmico com a realidade do campo profissional que um dia assumirá, pois possibilitou uma vivência real do ERE, suas dificuldades de acesso à tecnologia por parte das crianças, e ainda aos acontecimentos do cotidiano escolar, oportunizando a prática social, pois o residente realizou a mediação, de forma remota, na realidade social da escola, e efetivamente isso foi constatado na atividade presencial.

A realização do PRP de forma remota propiciou uma maior adequação ao momento de pandemia que a educação viveu e está vivenciando, em especial, considerando a dificuldade de adaptação que muitos professores e residentes

enfrentaram. Por meio das atividades desenvolvidas durante o período de realização do PRP, como os planos de aula, as vídeo aulas e reuniões foi possível vivenciar a realidade do ERE e o ensino presencial de maneira prática, e iniciar essa adaptação ainda antes do início da prática docente.

Também destaco o foco que no retorno ao presencial, a escola deu para o ensino de língua portuguesa, tendo o nosso projeto que se readequar para essa demanda que nos foi proposta. Nesse sentido, acho importante sinalizar como foi essencial podermos nos adaptar também, ao passo que o papel do RP não é somente nos formar, mas também contribuir de forma significativa com a realidade.

Entretanto, tenho que fazer uma ressalva, pois a impressão que nos foi deixada, é que uma determinada disciplina ou campo do saber, possui mais importância que outras, assim sendo a mudança realizada, privilegiando um saber em detrimento do outro. Apesar disso, as experiências que vive no período que fizemos as aulas de matemática, me possibilitaram desenvolver um outro olhar para o ensino da matemática, um olhar que me gerou uma nova reflexão acerca dos meus próprios anseios e medos de tal disciplina, por conta do meu processo formativo na mesma. Sendo assim, considero que tal experiência foi enriquecedora e auto(trans)formadora.

Aprendi muito em cada fase, pude vivenciar todos os desafios possíveis da realidade escolar. Somado a isso, foi possível fazer articulações entre o que foi visto na graduação e o que de fato é o ambiente escolar, sendo possível ter um olhar crítico ao contexto inserido.

Por outro lado, também proporcionou perceber e entender as dificuldades que os professores da educação básica enfrentam para poder desenvolver uma aula que seja atrativa para seus alunos, fato que nem sempre é possível visto a escassez de recursos e a falta de infraestrutura tecnológica dos alunos que limita estas questões aos docentes. Assim, por muitas vezes é necessário adaptar-se com “o que se tem” e inovar constantemente nas metodologias de ensino a partir da realidade e singularidade de cada ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita de um TCC em formato de memorial de formação não é somente um ato de produção para finalização de um curso, mas é também um ato formativo, ao qual eu saio completamente diferente da forma que iniciei essa escrita. Esse texto teve como objetivo narrar minhas experiências formativas no curso de pedagogia com destaque para as vivências no programa Residência Pedagógica e os processos de ensino da matemática.

Entendo que essas narrativas apontaram e me permitiram reconhecer e entender alguns dos processos formativos que vivi, tanto na minha educação básica, quanto na minha trajetória no curso de Pedagogia, de forma a problematizar esses processos, e compreender como algumas das experiências escolares que me tocaram, modificaram a minha constituição, enquanto pessoa e enquanto profissional.

Dessa maneira, tive como primeiro objetivo narrar minha história de vida e formação escolar e acadêmica, sendo alcançado, ao passo que relatei e escrevi as vivências e experiências mais marcantes para mim, que de alguma maneira me constituíram enquanto quem sou hoje.

Meu segundo objetivo foi, problematizar minhas experiências formativas no curso de Pedagogia com destaque para o Programa de Residência Pedagógica, ao qual apontei para algumas das atividades e ações que realizamos, e que me permitirem compreender que a profissão pedagoga está para além do ato da docência, ou do domínio de um determinado conhecimento, mas faz parte de uma produção de vida, de si, e ao mesmo tempo de saber lidar com vidas, com pessoas, que possuem suas formas de ser e subjetividades, tal qual eu vivenciei também.

Meu último objetivo foi refletir sobre o impacto/influência das minhas experiências formativas no curso de Pedagogia com destaque para o PRP na minha formação docente, aos quais entendo como essenciais para a minha modificação enquanto pessoa e profissional, que tinha medos, anseios e dúvidas quando a minha própria imagem e prática docente, e que me vi desafiada a superar barreiras, para proporcionar aprendizagens e interações significativas nas vidas das crianças que estavam imersas no programa.

Pensando assim, o PRP-Pedagogia, foi um marco na minha formação e na minha vivência no curso, ao me possibilitar emergir no espaço escolar de múltiplas formas e maneiras, também me possibilitando olhar para meu próprio movimento formativo enquanto aluna na educação básica, ao me permitir vivenciar outros modos de ensinar matemática, uma matemática mais livre, mais desejada, mais lúdica, sem tantos modos rígidos de entendê-la, possibilitando que outras crianças possam gostar dessa disciplina, e assim transformando a minha própria visão sobre ela.

Para encerrar, entendo que a escrita desse memorial, não somente me permite deixar registrada essas experiências e vivências, mas também me permitiu refletir sobre meu processo formativo, desde a educação básica, até agora, de forma a ressignificar como me via, entendia, e agora como almejo ser e estar enquanto pedagogia e futura professora. Apesar de não conseguir de forma mais abrangente refletir sobre os marcos e influências do PRP e do ensino de matemática, tentei de maneira mais sintética apresentar seus impactos na minha formação, e assim deixo em aberto para futuros escritos onde consiga trazer mais das minhas vivências nesse programa.

REFERÊNCIAS

ALVES, L.; TORRES, V. **WhatsApp**: cenário para discussões e reflexões sobre a permissividade e limite da interação de crianças e adolescentes com o universo digital. 2017. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/r3xgc/pdf/porto-9788523220204-10.pdf>. Acesso em: 30 maio 2021.

BERENBLUM, A.; PAIVA, J.. **Por uma política de formação de leitores**. IN: BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020b. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/pollei_formleit.pdf. Acesso em: 10 maio. 2024.

BRASIL. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA. **Edital n.º 1/2020**. Brasília, 2020a.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Programa de Residência Pedagógica**. Edital n.º 1/2020. Brasília, 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC); BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. 1998.

BRASIL. Ministério da educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a educação infantil**. Brasília, 1998.

BRITO, J. J. da S.; MOURA, J. F. de. Aulas remotas na pandemia: o Whatsapp como ferramenta no ensino em Davinópolis/MA. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 400–416, 2021. DOI: 10.26843/v14.n2.2021.1130.p400-416. Disponível em: <https://publicacoes.unid.edu.br/ambienteeducacao/article/view/1130>. Acesso em: 10 mar. 2022.

CAPES. (2018). Portaria nº 38, de 28 de fevereiro de 2018. **Regulamenta o Programa Residência Pedagógica**.

CORDEIRO, M. V. C. et al. Os novos desafios dos professores de IES no pós-pandemia: um estudo realizado com docentes das instituições de ensino superior de Juazeiro do Norte - Ceará. **Rev.Mult.Psic.**, v. 14, n. 52, p. 703-717, out. 2020. ISSN: 1981-1179. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2012/anais/126c.pdf>. Acesso em: 30 maio de 2022.

DUBAR. C. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Porto: Afrontamento, 2006.

FARIA, J. B.; DINIZ-PEREIRA, J. E.. Residência pedagógica: afinal, o que é isso? **R. Educ. Públ.**, Cuiabá, v. 28, n. 68, p. 333-356, maio 2019. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-20972019000200333&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 12 dez. 2023.

FREITAS, S. O.; TROTTA, L. M. Acessibilidade tecnológica para os alunos da rede privada e pública durante a pandemia. **Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação (online)**. Rio de Janeiro: v. 5, n. especial, 2020. Disponível em: <https://recite.unicarioca.edu.br/rccte/index.php/rccte/article/view/137>. Acesso em: 02 abr. 2022.

JOSSO, M. C.. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n.3 (63), p.413 – 438, set./ dez. 2007.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 22, n. 019, p. 20-28, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo, SP: Cortez, 1999.

MOURA, J. F. **Pesquisa-formação**: marcas, resistências e apropriações reveladas pela escrita de si no processo de formação acadêmica do estudante de pedagogia que ensina(rá) matemática. Tese. 228p. Itatiba, 2019.

NÓBREGA, W. da. Dificuldades de aprendizagem no ensino da matemática e o uso das novas tecnologias. 2014. 93f. **Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares)** - Universidade Estadual da Paraíba, Patos, 2014.

OLIVEIRA, M. A. **Memorial de formação**: Uma proposta para a formação de professores, 2015.

PASSEGGI, M. da C. **A experiência em formação**. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p.147-156, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697>. Acesso em: 22 jul. 2022.

PRADO, G. do V. T; FERREIRA, C. R. Narrativas docentes: contornos e entornos. IN: VICENTINI, A.; EVANGELISTA, F. (Orgs.). **Um baú de histórias**: narrativas e formação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

SANTOS, C. G. **Roteiro para elaboração de Memorial**/compilado por Gilmar carolino Santos. – Campinas, SP: Graf. FE, 2005 – Produzido no Brasil Abril – 2005 -04 -26 ISBN: 85-86091

SILVA, J. Q. G.; O Memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade, **Perspectiva**, Florianópolis, vol.28, n.2, p.601-624, 2010.

SILVA, L. A. A.; CRUZ, R. de O. Programa Residência Pedagógica: articulações entre formação inicial e formação continuada. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. 1-23, 2018.

SILVA, S. P. D. N. *et al.* **Estudo da importância do encontro presencial no telecursotec como vínculo significativo e duradouro**. 2012.

SILVA, S. L. R. da; ANDRADE, A. V. C. de; BRINATTI, A. M. **Ensino Remoto Emergencial**. Ponta Grossa: Ed. dos Autores, 2020. Disponível em: http://www1.fisica.org.br/mnpef/sites/default/files/anexosnoticia/EnsinoRemotoEmergencial_SilvaAndradeBrinatti.pdf. Acesso em: 12 julho. 2024.

SOARES, M. **Letramento**: Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, E. C; **O Conhecimento de si; Narrativas do itinerário escolar e formação de professores**. Tese (doutorado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Terra, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10267/1/Tese_Elizeu%20Souza.pdf>. >. Acesso em: 29 de Maio. 2024.

SOUZA, M. A. M. **O memorial como gênero discursivo na formação de professores**, 2004.

TESSARO, D.; SCHMIDT, B.. Escolha profissional: Teoria e intervenções sistêmicas voltadas ao adolescente e à família. **Pensando Famílias**, 21(1), 2017, p. 92-104.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.